

UCDB

Biblioteca Pe Félix Zavalta



B0067597



CO
MINIMA
—
CERTAS
SUBTILEZAS
HUMANAS

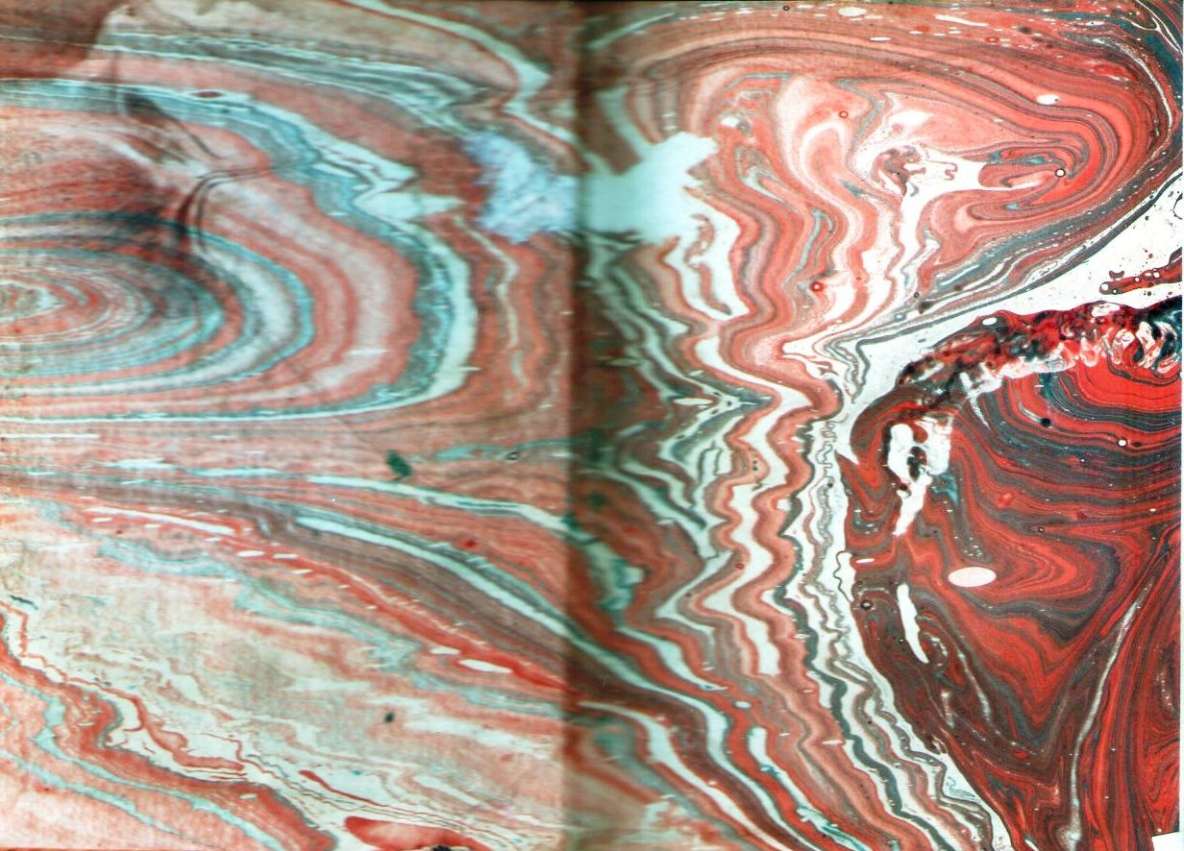
860

F3



1900





865.45

F3836

✓

057.597



CERTAS SUBTILEZAS
HUMANAS

Programa editorial da

LIVRARIA E EDITORA LOGOS LTDA.

"ENCICLOPÉDIA DE CIÊNCIAS
FILOSÓFICAS E SOCIAIS"

de MARIO FERREIRA DOS SANTOS

VOLUMES PUBLICADOS:

1) "Filosofia e Cosmovisão" — 4.^a ed.
— 2) "Lógica e Dialética" (incluindo a
Decadialética) — 3.^a ed. — 3) "Psicologia"
— 3.^a ed. — 4) "Teoria do Conhecimento"
— 3.^a ed. — 5) "Ontologia e Cosmologia"
— 2.^a ed. — 6) "Tratado de Simbólica"
— 7) "Filosofia da Crise" (problemática)
— 2.^a ed. — 8) "O Homem perante o Infinito"
(Teologia) — 9) "Nologia Geral" 2.^a ed.
— 10) "Filosofia Concreta" — 2.^a ed. no prelo.
— 11) "Sociologia Fundamental" e "Ética Fundamental"

NO PRELO:

12) "Filosofia Concreta dos Valores".

COLEÇÃO TEXTOS FILOSÓFICOS

Sob a direção de

MARIO FERREIRA DOS SANTOS

"Aristóteles e as Mutações" — Com o
texto traduzido e reexposto, acompanhado
de comentários, compendiados por
MARIO FERREIRA DOS SANTOS.

"O Um e o Múltiplo em Platão", de
MARIO FERREIRA DOS SANTOS.

A SAIR:

"Obras completas de Aristóteles" —
"Obras completas de Platão" — Acompanha-
das de comentários e notas.

COLEÇÃO "OS GRANDES LIVROS":

"Don Quixote de la Mancha", de Miguel
Cervantes — ilustrada, com gravuras de
Gustavo Doré — 3 vols. enc. — "Paraíso
Perdido", de Milton, com ilustrações de
Gustavo Doré, em 2 vols. — "Fábulas de
La Fontaine", com ilustrações de Gustavo
Doré, em 3 vols.

A SAIR:

"A Ilíada", de Homero. "A Odisséia", de
Homero. "A Eneida", de Virgílio. "A Di-
vina Comédia", de Dante, com ilustrações
de Gustavo Doré, em 3 vols. "Gil Blas de
Santillana", de Le Sage, com ilustrações.

ANTOLOGIA DA LITERATURA
MUNDIAL:

1) "Antologia de Contos e Novelas de
Língua Estrangeira" 2) "Antologia de
Contos e Novelas de Língua Estrangeira".
3) "Antologia de Contos e Novelas de
Língua Portuguesa". 4) "Lendas, Fábulas
e Apólogos" 5) "Antologia do Pensamen-

Programa editorial da

LIVRARIA E EDITORA LOGOS LTDA.

"ENCICLOPÉDIA DE CIÊNCIAS
FILOSÓFICAS E SOCIAIS"

de MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

VOLUMES PUBLICADOS:

1) "Filosofia e Cosmovisão" — 4.^a ed.
— 2) "Lógica e Dialética" (incluindo a Decadialética) — 3.^a ed. — 3) "Psicologia" — 3.^a ed. — 4) "Teoria do Conhecimento" — 3.^a ed. — 5) "Ontologia e Cosmologia" — 2.^a ed. — 6) "Tratado de Simbólica" — 7) "Filosofia da Crise" (problemática) — 2.^a ed. — 8) "O Homem perante o Infinito" (Teologia) — 9) "Noologia Geral" 2.^a ed. — 10) "Filosofia Concreta" — 2.^a ed. no prelo. — 11) "Sociologia Fundamental" e "Ética Fundamental"

No PRELO:

12) "Filosofia Concreta dos Valores"

COLEÇÃO TEXTOS FILOSÓFICOS

Sob a direção de

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

"Aristóteles e as Mutações" — Com o texto traduzido e reexposto, acompanhado de comentários, compendiados por MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS.

"O Um e o Múltiplo em Platão", de
MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS.

A SAIR:

"Obras completas de Aristóteles" —
"Obras completas de Platão" — Acompan-
hadas de comentários e notas.

COLEÇÃO "OS GRANDES LIVROS":

"Don Quixote de la Mancha", de Miguel
Cervantes — ilustrada, com gravuras de
Gustavo Doré — 3 vols. enc. — "Paraíso
Perdido", de Milton, com ilustrações de
Gustave Doré, em 2 vols. — "Fábulas de
La Fontaine", com ilustrações de Gustave
Doré, em 3 vols.

A SAIR:

"A Ilíada", de Homero. "A Odisséia", de
Homero. "A Eneida", de Virgílio. "A Di-
vina Comédia", de Dante, com ilustrações
de Gustave Doré, em 3 vols. "Gil Blas de
Santilhana", de Le Sage, com ilustrações.

ANTOLOGIA DA LITERATURA
MUNDIAL:

1) "Antologia de Contos e Novelas de
Língua Estrangeira" 2) "Antologia de
Contos e Novelas de Língua Estrangeira".
3) "Antologia de Contos e Novelas de
Língua Portuguesa". 4) "Lendas, Fábulas
e Apólogos". 5) "Antologia do Pensamen-

to Mundial". 6) "Antologia de Famosos Discursos Brasileiros". 7) "Antologia de Poetas Brasileiros". 8) "Antologia de Poetas Estrangeiros".

Obras de

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

PUBLICADAS:

"Filosofia e Cosmovisão" — 4.^a ed. — "Lógica e Dialética" — 3.^a ed. — "Psicologia" — 3.^a ed. — "Teoria do Conhecimento" — (Gnoseologia e Critèriologia) — 3.^a ed. — "Ontologia e Cosmologia" — (As ciências do Ser e do Cosmos) — 3.^a ed. — "O Homem que Foi um Campo de Batalha" — Prólogo de "Vontade de Potência", ed. Globo — Esgotada — "Curso de Oratória e Retórica" — 6.^a ed. — "O Homem que Nasceu Póstumo" — (Temas nietzscheanos) — Esgotada — "Assim Falava Zarathustra" — Texto de Nietzsche, com análise simbólica — 3.^a ed., no prelo. — "Técnica do Discurso Moderno" — 3.^a ed. — "Se a esfinge falasse..." — Com o pseudônimo de Dan Andersen — Esgotada — "Realidade do Homem" — Com o pseudônimo de Dan Andersen — "Análise Dialética do Marxismo" — Esgotada — "Curso de Integração Pessoal" — (Estudos caracterológicos) — 2.^a ed. — "Tratado de Economia" — (Edição mimeogra-

fada) — Esgotada — "Aristóteles e as Mutações" — Reexposição analítico-didática do texto aristotélico, acompanhada da crítica dos mais famosos comentaristas. — 2.^a ed. — "Filosofia da Crise" — (Problemática filosófica) — 2.^a ed. — "Tratado de Simbólica" — "O Homem perante o Infinito" (Teologia) — Noologia Geral" — 2.^a ed. — "Filosofia Concreta" — "Sociologia Fundamental e Ética Fundamental" — "Práticas de Oratória" — "O Um e o Múltiplo em Platão" — "Assim Deus Falou aos Homens"

NO PRELO:

* "A Luta dos Contrários" — * "Fábulas e Apólogos" — * "Certas subtilidades Humanas" — * "Choque dos Símbolos" — * "Filosofia Concreta dos Valores".

A PUBLICAR:

* "Os versos áureos de Pitágoras" — * "Pitágoras e o Tema do Número" — * "Tratado de Estética" — * "Tratado de Esquematologia" — * "Teoria Geral das Tensões" — * "Dicionário de Filosofia" — * "Filosofia e História da Cultura" — * "Tratado Decadialético de Economia" — (Reedição ampliada do "Tratado de Economia") — * "Filosofia da Afirmação e da Negação" — * "Temática e proble-

mática das Ciências Sociais — * *"As três críticas de Kant"* — * *"Hegel e a Dialética"* — * *"Dicionário de Símbolos e Sinais"* — * *"Metodologia Dialética"* — * *"Discursos e Conferências"*

TRADUÇÕES:

* *"Vontade de Potência"*, de Nietzsche —
* *"Além do Bem e do Mal"*, de Nietzsche —
* *"Aurora"*, de Nietzsche — * *"Diário Íntimo"*, de Amiel — * *"Saudação ao Mundo"*, de Walt Whitman.

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS



CERTAS SUBTILEZAS

HUMANAS

AFORISMOS E PENSAMENTOS



LIVRARIA E EDITORA LOGOS LTDA.

Praça da Sé, 47 — Salas 11 e 12

Fones: 33-3892 e 31-0238

SÃO PAULO

ÍNDICE

	Págs.
Contradição ..	13
Bondade . ..	21
Solilóquio de um filósofo ..	31
Criminoso ..	41
Grandezas humanas	51
Instinto e sociedade .	63
O pensador moderno ..	72
Os pregadores	85
Assim nasceu a religião ..	99
Ao meio dia ..	111
Bondade	128
Memória . ..	145
Problemas	159
Talvez	173
A velha polêmica	187

CONTRADIÇÃO

— Incoerente. . excessivamente incoerente, você. .

— Mas, ouça, a persistência das idéias é muitas vêzes a perseverança da mediocridade. Ao dia de sol luminoso sobrevém o dia cinzento de chuva e de névoas; ao céu azul longínquo, lavado de nuvens, a massa plúmbea de uma cúpula esmaecida ou o acúmulo de nuvens pesadas, grossas e cinzentas; à noite vestida de sombras, a manhã coroada de ouro pulverizado.

À alegria sobrevém a tristeza, à vida sobrevém a morte; à infância,

a juventude; à juventude, a maturidade; à maturidade, a velhice.

O arbusto de ontem é a árvore que abriga à sua sombra os caminhantes de amanhã. As negações sobrevivem a cada instante e a cada hora. Aquê-le, que nos braços de sua mãe era uma esperança, é, hoje, a realidade nunca sonhada, nunca desejada, mas talvez sofrida, temida. Negamos sempre, em cada hora, em cada minuto, a hora e o minuto que passou. Por que algemaremos na prisão dos preconceitos nossas perspectivas, nossos desejos, nossas ânsias, nossos sonhos? Se fôssemos, como você o quer, sempre os mesmos, negaríamos o sol luminoso, o dia cinzento de chuva, a noite ou o dia, a vida ou a morte.

Seríamos, assim, supinamente incoerentes conosco mesmos. Ouve: quando uma nova verdade surge

para nós, o sermos incoerentes é um modo de sermos fiéis a nós mesmos.

*

Há despeitos sem objecto. O insatisfeito não é um despeitado?

*

Todos somos, na sociedade, necessários e todos somos contingentes. Compreender essa necessidade, e essa contingência pode implicar maior simpatia de uns para com os outros, como também. maiores exigências de direitos.

*

Ter sempre as mesmas idéias, não é signo de persistência; muitas vezes é índice da falta de tempo para analisá-las. .

☆

Consideramo-nos culpados, quando a convicção que temos dos nossos actos é de que êles foram praticados de má vontade. Ao verdadeiro motivo, nem sequer lhe damos um verdadeiro valor.

*

Fugindo de nós mesmos, quantas vêzes nos achamos. .

*

O que chora um morto, pode perguntar a si mesmo: "Estarei dando impressão da minha dor?". Ora, isso não quer dizer que a dor não seja sincera.

*

Aquêlê que, na vida, por seu interêsse, é obrigado a representar um papel de bondoso, acaba, pelo menos, benevolente.

*



Há maus que justificam a sua maldade, acusando o homem de ser mau e corrompido; há bons, que explicam sua bondade, porque julgam o homem bom e humano. Em ambas justificações há uma fraqueza: a falta da escolha.

*

Tartufo, à custa de representar continuamente o seu papel, acabou convencendo a si mesmo, e, por último, já o fazia sem affectação. A hipocrisia continuada acaba em sinceridade.

*

Há um espanto ingênuo: o do simples quando descobre uma "verdade" que o emociona, que o arrebatça. E muitas vêzes a fuga a essa verdade não é o pior que êle faz.

*



No sonho, a mentira é verdade; na vida vigilante, muitas vezes a verdade é mentira.

*

Ninguém despreza mais certos conhecimentos do que o sábio, porque saber é também separar-se.

*

Há uma hipocrisia: aquela de nunca falarmos de nós mesmos.

*

Há uma queda subtil: aquela que cai, cai lentamente, até atingir o fundo.

*

É sempre nos homens distantes que vemos os melhores exemplos. São sempre as vidas distantes que desejaríamos viver.

*

O mais trágico na velhice é não conhecer mais o encantamento das exclamações da juventude...

*

Nada nos faz esquecer tanto como os momentos de felicidade. Até a memória das dores passadas nos alegam. .

*

Há um espanto doloroso e amargo quando chegamos a uma certa idade e compreendemos que não nos comoverão mais as histórias de fadas.

É como a decepção dolorosa de uma criança, que um dia se viu roubada de seu brinquedo favorito, mas que também não o deseja mais.

*

Todo gesto, que anime a conformação ante uma derrota, é imoral,

humanamente imoral! A compaixão, às vezes, é êsse gesto.

Para se defender uma idéia não basta ardor e entusiasmo. Impõe-se uma convicção tão grande que eleve os outros até ela, erguendo, ainda, até ela, aquêles que a defende.

É por isso que se impõe um pouco de loucura na defesa de uma idéia.

*

O mal, muitas vezes, é que provoca a reacção do bem em defesa própria. Quantos ainda não notaram êsse benefício!

.*

"O mundo é perfeito!" — Essa exclamação já fortaleceu a fé de muitos. E por que não vamos crer na magia de certas palavras?

BONDADE

— Bom? Não me chameis de bom. Só o Senhor pode ser chamado de bom. — Essas foram as palavras de um deus. Ele marcou, assim, um sentido divino à palavra bom. Um sentido que transcende o dos homens.

— Mas julgas que a bondade não é accessível aos homens?

Os homens sempre se julgaram bons. O guerreiro chamou-se de bom; e o forte e o opressor chamaram-se de bons. O humilhado chamou sua humilhação de bondade. Sempre a antítese do homem foi a maldade. Sempre as suas medidas

foram as medidas do bem. Tudo o que favoreceu era bom. Tudo o que prejudicou era mal. Por isso, êsse deus, que compreendia o sentido do bem, além do bem e do mal, proclamou que nenhum homem, nem êle, que era um deus, merecia ser chamado de bom.

Bom, só o Senhor. Porque o Senhor deve pairar muito além do bem e do mal. E quando os homens dão à palavra bom, um sentido absoluto, só a Deus, pode ser atribuído. Êle respondeu, assim, não no sentido humano da palavra, mas no sentido divino que os homens teimam emprestar a êsse termo, no desejo inconfessável de atribuir a si, quando se intitulam bons, um atributo realmente divino. A nossa bondade é apenas análoga à bondade divina.

*

Levar os homens além de si mesmos! . . Eis um ideal para os que buscam um ideal.

*

Hoje cultivamos o corpo, helenizamo-nos aos poucos, fisicamente. Quando nos helenizaremos mentalmente?

*

Ter um livro vida própria, vivendo à parte de seu autor, emocionando outros, provocando opiniões, críticas, censuras, arroubos, aplausos, e durar, assim, anos e anos, não é isso imortalidade?

E se perdura além da vida do autor e o traz vivo em suas palavras, para que outros as ouçam, para que meditem no mesmo compasso dos seus pensamentos, que é isso senão imortalidade?

E pode um autor desejar mais?

Alguma coisa afagará mais a sua vaidade, sua humana vaidade? E haverá, uma vida mais nobre do que essa?

Ih!. que vozeirão de protestos de tanta gente. Generais, políticos, santos, quanta gente! Um momento, senhores! Um momento! Têm razão, aceito! Mas que cada um dos senhores realize uma obra, que permaneça, afirmando que não morreram, e todos estaremos de acôrdo. Não é preciso que levanteis tão alto os vosso protestos, que diabo!

*

Há certas verdades, cujo único mal é ter contra si a evidência.

*

Deixa-me falar por símbolos. Só assim penetrarei mais profundamente na tua alma. Pensa por símbolos, e verás que tudo é diferente.”

*

Nunca brigam dois amigos que sempre falam de si mesmos. É uma forma de se compreenderem melhor.

*

— Este autor prova demais. Ésse, o seu defeito.

— Este autor prova de menos. Ésse, o seu defeito.

Podem dois homens falar assim, diferentemente, em pontos distantes? Um vê, na obra que lê, a repetição de factos que já conhece. Os exemplos lhe são demasiados, desnecessários. Ao outro, dá-se o inverso. As provas são insuficientes, precisa de mais. E imaginem, agora, a situação do autor que não conseguiu contentar nenhum dos dois.

*

Em tôdas as épocas os homens criaram fantasmas de seus ideais. Depois êsses fantasmas lhe tortura-

ram. Que fazem? Procuram destruí-los pela negação.

Encheram-se de amarguras e angústias, porque êles não correspondiam à realidade. Conheceram, aí, a fase destrutiva. Arrazaram tudo, negaram tudo.

Deveriam negar somente os seus fantasmas ou procurar criar outros, para, depois, tornar a fazer a mesma eterna operação. E não é isso que os homens têm feito? Mas depois, naturalmente.

*

Quando na vida nos sucedem acontecimentos desagradáveis é que nos pomos a recordar os dias passados em que julgávamos que tais acontecimentos jamais poderiam suceder conosco, ou que o destino nos houvera isentados de sofrê-los.

E depois, por isso, julgamos possível que tudo possa acontecer-nos.

É quando principiamos a acreditar na morte.

*

O homem, mais uma vez, volta a ser a medida de tôdas as coisas. A direção anti-anthropomórfica da ciência moderna, é mais uma tentativa em busca da objectividade; ideal humano de independência, excessivamente unilateral. É semelhante à atitude daqueles idealistas que negam a realidade exterior.

Tôda a ciência do homem será sempre, de certo modo, "humana"

*

Falar lento, pausado, também é uma maneira de manifestar profundidade. Uma frase banal, dita com entono e lentidão, impressiona a muitos.

*

Elogiamos sempre quem nos elogia.

*

O ridículo é o calcanhar de Aquiles de cada um. E quão tememos que descubram êsse nosso sêrêdo!

*

A meta, que aqui procuramos, é sempre uma decepção. A felicidade está antes do fim.

*

Um matemático me disse uma vez: "O mal da humanidade é não empregar os métodos matemáticos em sua vida. Raciocina mal, desastradamente. Organiza-se mal, sem se preocupar com a matemática.

Uma ordem matemática resolveria tudo.

Naquêlê dia pensei comigo mesmo que havia ali mais verdade do que pensava o matemático. Desde então resolvi não desprezar tanto os especialistas. Bastava-me aquela opinião.

SOLILÓQUIO DE UM FILÓSOFO

“ .meus olhos estão voltados para o mais além.

Escuto calar o silêncio. É noite. A escuridão me avassala, e meus olhos percorrem interrogativos as estrêlas.

Um dia o mundo se resfriará. Será uma noite como esta, longa, eterna, sem luzes, e ficarão sòmente êsses pontos minúsculos que não alumiam nem aquecem. E um frio percorrerá a terra. E os homens hão-de se brutalizar, porque não haverá mais o sol para amadurecer as carnes nem o espírito. E tudo estará esquecido. Nem sequer as idéias

deixarão um rasto. Mas o homem brutal, enregelado, terá arrepios de frios e arrepios de emoções de que não se recorda mais. Alguma coisa que um dia o fêz vibrar, e também as gerações já mortas, um estremecimento misterioso percorrerá seus nervos castigados.

Mas volta, volta! Que sou eu se não um tradutor de símbolos? Um intérprete de símbolos? Um espectador de trechos secretos? Que dura a tradução dêsse imenso livro, que meus olhos nem vêem? Que trabalho, que esforço ter de calar ante tudo o que sinto; que difícil traduzir para as minhas palavras humanas êsse aspecto profundo, essas coisas novas que não suspeitava, que me exigem um nome, uma palavra para definí-las, que exigem luz, que exigem ar, que exigem liberdade.

Palavras, palavras, preciso de palavras, milhares de palavras, para nomear êsses símbolos que traduzo..."

* *

O equilíbrio entre o bem e o mal, que tantas noites mal dormidas, tantos remorsos provocam nos homens vulgares e nos mediócrs, é o que se apresenta como virtude, o mais das vêzes.

*

A coragem dividiu os homens.

*

Pingo água, pinga água! Que crime o teu em te não tornares um cristal!.

*

Há povos que têm santos, e há povos que têm sábios. Juntai a santidade à sabedoria e vosso povo ja-

deixarão um rasto. Mas o homem brutal, enregelado, terá arrepios de frios e arrepios de emoções de que não se recorda mais. Alguma coisa que um dia o fêz vibrar, e também as gerações já mortas, um estremecimento misterioso percorrerá seus nervos castigados.

Mas volta, volta! Que sou eu se não um tradutor de símbolos? Um intérprete de símbolos? Um espectador de trechos secretos? Que dura a tradução dêsse imenso livro, que meus olhos nem vêem? Que trabalho, que esforço ter de calar ante tudo o que sinto; que difícil traduzir para as minhas palavras humanas êsse aspecto profundo, essas coisas novas que não suspeitava, que me exigem um nome, uma palavra para definí-las, que exigem luz, que exigem ar, que exigem liberdade.

Palavras, palavras, preciso de palavras, milhares de palavras, para nomear êsses símbolos que traduzo. .”

* *

O equilíbrio entre o bem e o mal, que tantas noites mal dormidas, tantos remorsos provocam nos homens vulgares e nos medíocres, é o que se apresenta como virtude, o mais das vêzes.

*

A coragem dividiu os homens.

*

Pingo água, pinga água! Que crime o teu em te não tornares um cristal!.

*

Há povos que têm santos, e há povos que têm sábios. Juntai a santidade à sabedoria e vosso povo ja-

mais morrerá! Os povos, que tiveram santos e os povos que tiveram sábios venceram a própria morte.

*

Faze para a tua vida êste estribilho: eu devo superar. Êsse é o "andante" que deve ritmar os passos dos homens.

*

O renome de um autor ou de um artista, que atravessa os séculos, não é um título absoluto de glória. Há mediocridades vitoriosas através dos séculos.

*

Os homens apenas sabem combater uma mística, inventando outra. Tenham calma os crentes, que a falta de religião nunca destrói as religiões.

*

A fé que os outros manifestam em nós, aumenta a fé que temos em nós mesmos.

*

A conquista fácil é o galardão dos médiocres.

*

— Nossa grande vaidade nos faz menosprezar os animais. Julgamos que, pelo facto de negar-lhes certos predicados nossos, que os diminuímos irremediavelmente. Não são êles morais, não têm noção da dúvida, não interrogam a natureza, não organizam estados, nem criam uma cultura ou realizam uma civilização. Mas, no tempo em que os animais falavam, houve um entre êles que disse: "Irmãos animais! Ouví a minha palavra: nenhum de nós nunca acusou a vida do crime de nos ter posto no mundo.

Nenhum de nós, nunca amaldiçoou a hora em que viu, pela primeira vez, a luz, ou respirou o primeiro ar, ou bebeu a primeira gota d'água.

Nunca nos abrigamos nem nos limitamos nas convenções, nem criamos cadeias douradas para explicar as nossas limitações! Olhai o triste espetáculo dessa espécie infeliz, os homens, nossos aparentados distantes. Observai seus sentimentos e vêde como êles criam as suas cadeias e depois amaldiçoam a vida.

*

Se quiseses ser o mártir de uma idéia diz sempre o que sentes.

*

Para se conhecer certa felicidade é preciso um pouco de embriaguez.

*

Os homens de voz alta nunca são conspiradores. .

*

— Felicidade. felicidade. A do peixe é a água. a do pássaro, o ar.

— A do homem, a justiça, o bem. .

— Qual! Um justo, por exemplo, nunca poderá gozar a plenitude de bem-estar que sente um mau quando, alguma vez, tem a oportunidade de ser bom.

— Sim, se não se envergonha do que faz.

*

Também é um sinal de decadência: quando o artista realiza algo segundo o gosto do público, cedendo o mais pelo menos, quando deve-ra erguer o público até a obra de arte, expondo-a, em certos matizes,

que elevam o vulgo aos limites máximos da vulgaridade.

*

Desejar parecer melhor, chamam de vaidade; desejar fazer-se melhor, chamam de orgulho.

Não desejar nenhum dos dois, chamam de virtude...

*

Essa concepção simplista dos chamados "materialistas históricos", de que as relações de produção determinam a superestrutura, é tão ingênua como a dos que afirmam que a superestrutura é que determina a estrutura humana. Homens de valor não podem ater-se a êsse invólucro limitado de sua interpretação histórica e sociológica. Considerando-se dialécticos, como podem êles

aceitar a lei da causalidade unívoca, quando esta nega a luta, para a formação do "facto"?

A determinação da superestrutura, como pensam, tão fácil, tão natural, tão simples, negaria a luta, o choque mais profundo e mais vasto, entre as fôrças de produção e a alma colectiva, a alma herdada, as opiniões individuais, as angústias, as inquietudes, todos êsses sintomas de batalhas mais profundas, de embates mais vastos, que vão, depois estratificar-se; melhor: sedimentar-se na superestrutura ideológica.

A superestrutura como a estrutura são sintomas da grande luta humana, do homem com o cosmos, do homem com o homem, e do homem consigo mesmo.

*

A física afirma que ao levatares o braço exerces uma influência, embora diminuta, na marcha do universo, reduzindo sua velocidade.

Não é isso um título de orgulho para os homens?

*

A ciência tem sido, ultimamente, o refúgio de muita mediocridade.

É esse o grande perigo que ela oferece.

CRIMINOSO

O juiz para o acusado de um crime político:

— Quem são teus cúmplices?

— Não tenho cúmplices.

— Não tens? Como te atreveste a fazer tantos crimes sem auxílio de ninguém?

— Senhor, sou um *criminoso* com orgulho. Não sou inapto à sociedade. Escolhi-o com a mesma naturalidade que escolheria qualquer ofício que julgais perfeitamente social, quando útil ou inofensivo aos dominadores.

— O criminoso define-se nesse aspecto: a sua inadaptabilidade está

em não querer um fim útil à sociedade.

— Admito, senhor, a vossa opinião como admito a minha. Pondez a sociedade ao lado da idéia que eu ataco. Assim como sou inimigo dela; ela é minha inimiga. Por meu ponto de vista, não sou um réprobo, sou um prisioneiro. Não me rebelo contra vossa atitude porque estais no vosso papel. Deveis salvaguardá-la dos inimigos da minha espécie. Mas, quanto a mim, julgo-me no direito de atacá-la, como julgo-vos no direito de defendê-la. Se me punirdes, e quanto maior fôr essa punição, mais justa ela é sob vosso ponto de vista. Será eloquente para as ovelhas que ameaçam transviar-se do caminho traçado. Quanto ao meu ponto de vista, ergo-me na minha própria admiração, porque exalta o valor do meu acto. Para vós, tenebroso, horrível, hediondo esse

valor; para mim serão outros os adjectivos. Meço a vossa temibilidade pela minha. Eu ataco, vós vos defendeis. Como vos julgais incapaz da prática de um acto como o meu, se não tivésseis ao lado quem vos animasse pelo menos com a sua presença, e como temeríeis atacar sem terdes à mão o punhal ou o revólver, como temeríeis conceber um crime sem terdes com quem dialogar os planos, julgais necessariamente que eu deva ter cúmplices. Pois afirmo-vos: não tenho cúmplices, e sou só, e protesto, ainda mais, contra a ofensa da cumplicidade, que quereis lançar-me para deneigrir a fisionomia clara de meu acto.

Houve, na verdade, algum criminoso político que falasse assim?

*

Se Deus viesse viver entre os homens quando o roubassem, sor-

riria; quando o enganassem, sorriria; quando o humilhassem, e quando o agredissem, sorriria.

Só não sorriria quando tentassem compreendê-lo.

*

Em tôda a história da inteligência transparece de uma maneira excessivamente notável a grande ingenuidade dos homens. Nós sempre somos aptos a notar a ingenuidade dos nossos antecessores. E, sempre foi assim em tôdas as épocas.

*

Dentro do mundo perceptível o intérprete (o homem) é o máximo, o mais elevado, o mais sublime.

Dentro do mundo perceptivo de um animal, êste se julgaria o supremo, se também sofresse da "doença" da consciência e do pensamento. Poderia respeitar, noutros,

maior fôrça, maior poder que em si mesmo.

Mas se há animais que se humilham ante o homem, há homens que se humilham ante seus semelhantes. Como o homem brinca com os astros, interpreta-os, conhece muito dos seus segredos e determina no tempo as posições que tomarão, sente-se, por isso, divino. Convicção respeitável, mas que não saiu, até agora, do terreno movediço das convicções.

*

A diferença entre a cultura dos provincianos e a dos metropolitanos, pode-se estabelecer nas seguintes características: nestes, a cultura se obtém mais por um comércio de idéias, enquanto, naqueles nasce de uma busca, de um cultivo. Economicamente, o metropolitano é um transformador de matérias primas;

enquanto o provinciano é o criador dessas matérias.

Assim a cultura do metropolitana ganha-se, enquanto a do provinciano conquista-se.

Por isso a superficialidade daquêles é a profundidade dêstes..

*

Não são raros os sêres humanos que não sonham com uma ilha isolada para viver.. Basta apenas algumas decepções.

*

Os que afirmassem sòmente as flores dos pântanos, não negariam o pântano.

*

A lógica superestima a consciência...

Não desejamos sempre mais do que podemos?

*

O homem sempre quer mais... E, como o homem, todo o macrocosmos quer mais... Essa é a lei do universo. A lei, na qual se fundamenta tôda a ciência. Por isso a felicidade é, precisamente, êsse "querer mais", e ela existe, nesses momentos fugidios, mas imensos, em que temos consciência de que somos mais.

Não é a felicidade a consciência de ser-se mais?

*

Olhar o mundo, os homens e as idéias como história, e aceitar o absoluto como a totalidade do relativo, não compreendendo a afirmação sem a negativa. . eis também uma maneira de ver o mundo!

*

Se a energia é Deus, ou Deus a energia, nada teremos resolvido com nenhuma das afirmações.

*

Ele falava como se os deuses o tivessem escolhido como favorito e o bafejado com a verdade.

*

Os rotineiros nunca perdoam as novas idéias.

*

— Por que renuncias à luta?
— Perdi as esperanças.
— Pois luta sem esperança!
— Mas, se perdi a fé?
— Luta sem fé!
— Mas se me abandonaram?
— Persiste sozinho. Faze de teu coração uma lança, de teu peito um escudo, segue o impulso do teu braço, e fere no último esforço do teu desespero.

*

O grande escritor é superfície e é profundidade; é aparência e é realidade; é paixão profunda e é leviandade; é força e é fraqueza; doce e amargo, sol e trevas, sereno e agitado, pessoal e objectivo; é provocante, apelativo, místico e iconoclasta, evocativo, alciônico, simples e sereno.

O grande escritor é contraste; sinfônico, eis a palavra: sinfônico.

*

Há também no tósco uma beleza. E a fealdade, às vèzes, nos arrebatou e nos dá a emoção mais forte de beleza que as côres vivas e melodiosas.

Um lugar-comum para satisfação de alguns artistas.

*

A consciência registra sòmente os resultados das lutas ocultas dos instintos.

*

As atitudes súbitas são um sintoma de fraqueza...

*

O homem generalizou o tumultuário, o vário, o fugidio com conceitos abstractos e, depois, acreditou no "concreto" dêsses conceitos.

GRANDEZAS HUMANAS

Ele tinha um olhar alontanado. O gesto suave que fazia impressionava a todos.

Um dia perguntou numa roda:

— Dizei-me. Que julgais seja o melhor tipo de homem?

Um apressou-se em dizer.

— Os que se sobressaem por alguma grande obra. Por exemplo: os herois, os grandes artistas, os que criam, os que fecundam idéias, princípios, doutrinas, os realizadores.

O homem de olhar alontanado e gesto aristocrático sorria. Depois disse serenamente:

— Para vós, então, é grande o homem criador. Sòmente êsse!.

— Não iríamos proclamar como grande um homem vulgar que, na vida, realizasse sòmente a sua vulgaridade, está claro.

— Claro? — Sorriu — Para vós, por exemplo, o que seria um homem que nada houvesse criado? Nem fecundado? Nem excitado?

— Um inútil, um improveitoso, um desnecessário, vá!.

Tornou a sorrir. Seu gesto aristocrático cumpriu-se de alto a baixo, e deixando sair as palavras como difíceis, árduas, cansadas, acrescentou para justificar-se:

— Só é grande quem cria. Só é grande quem fecunda. Só é grande quem excita. São essas as grandezas humanas. Como são tão pequenas as grandezas humanas!

*

A profundidade, às vêzes, oculta-se na superfície. Há muita vacuidade que veste a pele do profundo. Vem mansamente, aureolada de palavras e de frases feitas.

*

— Deus também é um ponto de referência! A fé na ciência é outro. Também a fé na civilização, no progresso...

— ...e o ideal?

— ...o ideal? Mas que é, em suma o ideal? Uma fuga?

*

O homem fixa seus instintos, seus impulsos, nas obras de arte. E estas formam o lastro de sua cultura. Interpretamos melhor os homens, através dos artistas.

São êles a voz longínqua da espécie.

*

E o poeta disse:
"Que pena que a minha dor não
seja eterna. Queria fazer dela a mi-
nha religião!"

*

Sabemos o que fazer, e fazemos
o que não sabíamos.

*

— Guia-te por esta lei geral:
nunca aceites leis gerais. As leis
gerais são quase sempre erradas.

— Então está errada essa mesma
lei que declara que "não devemos
aceitar leis gerais. "

— Mas essa lei geral, meu caro,
é a excepção da própria lei que de-
clara que não há leis gerais...

*

Os impulsivos são fáceis de domi-
nar, já proclamou alguém. Mas às
vêzes a teia tecida para dominar um

impulsivo, acaba transformando-se
na armadilha de quem a armou.

*

— Sabes qual é a tua verdadeira
opinião sobre o mundo?

— Eu tenho uma opinião sobre
o mundo.

— Não é isso. Eu pergunto qual
a tua verdadeira opinião sobre o
mundo? Não a opinião do mundo
que os outros te ensinaram. Com-
preendeste agora?

*

Sempre julgamos justos os elo-
gios que nos fazem.

*

Os mediócrs proclamam a mo-
deração uma virtude. Os excres-
sos são como as uvas para a rapôsa
de Lafontaine.

*

Só os espíritos imbuídos de um cientificismo estreito podem não compreender o sentido da superstição. O ridículo ingênuo e simples dos supersticiosos ainda merecerá o respeito dos cientistas de amanhã, daqueles que consigam libertar-se do quadrilátero racionalista e estreito, que a ciência de hoje ainda herda de sua ancestral do século dezessete.

*

Terrível espetáculo de um mundo em que o homem precisa andar com cuidado, defendendo-se até dos homens honestos, porque, num homem "honesto", pode esconder-se um astucioso...

*

Muitos julgam que sistematizar a filosofia é graduá-la, é encadeá-la, é circunscrevê-la. Filosofia deve ser

intuição, fantasia, anelo, arrebatamento, transfiguração, vôos incontidos, olhares de eternidade, sombras da meia-noite da alma, luares que cobrem as cavernas do inconsciente da espécie, tardes serenas, crepúsculos mornos e rosados sem esquecer os meio-dias racionais.

Contudo, Filosofia não é apenas sistematização. Tôda filosofia obstinada e unilateralmente sistemática é um limite, é uma gaiola.

*

Compreender que cada um dos nossos gestos, por mais simples que sejam, representam um todo, no tempo e no espaço, com o fluir dos acontecimentos cósmicos, é divinizar-mo-nos.

*

A sabedoria ensina-nos a sermos mais fortes. O conhecimento nos em-

presta poderio. A busca da sabedoria, assim, tem um ponto de contacto ao gesto humano e vulgar de quem busca ser mais em alguma coisa. É um impulso que vem dos instintos. Censuramos, resistimos muito a êsses impulsos. Tôda a civilização não tem sido isso? Uma resistência para reduzir a fôrça dêsses impulsos?

*

Em que consistiriam os nossos momentos de felicidade se não conhecêssemos as grandes falsificações?

*

Uma mulher nos provoca, de início, a admiração por um traço que julgamos belo, por exemplo: uns olhos ensombreados. Depois vemos em seu rosto a face fresca, setinosa. E admiramos a seguir os cabelos negros ou louros ou côr de mel. Há

um sorriso que nos alegra, uns lábios levemente carnosos, vermelhos, maduros que nos sugerem a felicidade de um beijo. Uma mulher assim, cuidado, que acabareis amando. São, muitas vêzes, as belezas que vêm lentamente, de mansinho, prudentes, temerosas, e nos fazem, depois fixar um desejo interminável de ternuras. E isso pode, muito bem, ser amor.

*

O valor de um autor também se mede pela distância. Quanto mais longe, mais vale. Já houve quem dissesse que ninguém é grande para a sua cozinheira.

*

Ele era de maneiras polidas, elegantes. Foi excessivamente gentil para comigo. Quando saiu, pergun-

tei quem era. Disseram-me. agente de seguros!...

Daí concluí, depois: a polidez não será, além disso, um meio de comprar a nossa boa vontade?

E quanta polidez é fruto de um temor para com um possível adversário que surja pela frente.

Uma maneira preventiva de defesa...

*

Até a verdade das máximas envelhece.

*

— Um misântropo, tu?

— Sim. hoje fujo dos homens e os desprezo. Um dia àvidamente os amei demais. Se Cristo tivesse vivido cinqüenta anos, como eu, seria um solitário.

*

Tôda a nossa civilização crepus-

cular tem sido um adormecimento intensivo de nossos instintos.

*

Os astutos conhecem bem o segredo de calar-se, falando. Sedimentam assim, astutamente, na alma dos amigos, a imagem desejada de sua pessoa, da impressão que pretendem dar.

INSTINTO E SOCIEDADE

— O melhor meio de combater os instintos é satisfazê-los. Do contrário será querer matar a sede sem líquidos. Em relação aos instintos é o mesmo.

Atreveu-se o outro a discordar:

— Mas se êsses instintos forem anti-sociais, como poderemos satisfazê-los?

— Incentivem-se satisfações que não prejudiquem a sociedade.

— E se não se achar essas satisfações?

— Acabe-se com a sociedade. Se a sociedade não fôr capaz de deixar que os homens vivam normal-

mente para que, afinal, serve ela? De mais a mais precisar-se-ia provar que é impossível a satisfação dos instintos dentro da sociedade. E isso ainda não se provou.

*

— Tira um por um, os adjetivos...

— Estou tirando.

— Que sobra da substância?

— Ih!. que amontoado de vulgaridades.

*

Volve teus olhos para o passado. Tudo é irrevogável, tudo é definitivo, irreversível. Que terror sacode tua alma! Mas teus olhos estão volvidos para o amanhã? Espreita-o. Ele te dá a possibilidade de tua realização.

E temes, temes sempre a realidade que sabes que virá, também, ir-

revogavelmente, irreversivelmente, imprescriptivelmente. Como desejarias uma grande mentira que te suassem esse teu terror.

Mas a tua tragédia consiste em não saberes achar essa mentira.

*

Tôda a luta de idéias e de opiniões demonstra uma coisa: que a razão "apoia" a todos. .

*

É verdadeiro tudo quanto satisfaz aos nossos corações! Exclamam os filósofos de hoje.

Sócrates pode continuar gritando inútilmente: É verdadeiro tudo o que esteja conforme à nossa razão.

— O verdadeiro é um mundo que não conhecemos e está noutra parte! Exclamam os transcendentalistas.

— Verdadeiro é tudo o que estimula a vida. Até as mentiras são as verdadeiras! Essa é outra maneira de considerar a verdade.

*

Quando és tuas sombras e quando és tua luz? És tu, na verdade, quando és sombras e quando és luz!.

*

O especialista trai-se por seu estilo. Usa logo o seu jargão técnico.

*

Cristo, vindo da Galiléia, onde vivera, era um provinciano em relação a Jerusalém, a metrópole do judaísmo. Como provinciano, tinha um carácter ingênuo, simples, puro. Jerusalém deu-lhe a conhecer as lutas da casuística judaica, o fariseísmo dos adeptos citadinos, o saduceísmo das classes sacerdotais. Lu-

tando contra êsses, Cristo empreendeu a mesma luta eterna dos homens vindos dos campos e da província contra as metrópoles. Mas, a mais bela e imortal das lutas!

*

Hoje já se pode afirmar a relatividade da ciência. Temos, pelo menos, essa coragem, sem que isso nos arraste ao pelourinho das críticas acerbas.

Há trinta ou quarenta anos atrás, duvidar da ciência, aceitar a possibilidade de que ela não atingisse a explicação final das coisas, era um crime imperdoável. E quem se atrevesse a tanto, estaria, por isso, ameaçado de postergação. Lembremo-nos de Dacqué, que teve a veleidade de duvidar da verdade, da convicção acadêmica, aceita em sua época.

*

Há na admiração da obra de arte um pouco de inveja. Nunca admiramos ninguém que não possua aquêles caracteres que desejaríamos ter, ou que, quando os temos, julgamo-los o melhor. Na obra de arte não há só a provocação de uma inveja, há também, a sensação do novo, ou, pelo menos, uma sensação nova ao que já experimentamos.

Não se admira friamente uma obra de arte. A frieza já seria, nesse caso, uma limitação.

*

Quantos actos bons não deixariam de ser realizados se não houvesse testemunhas.

*

Há trezentos anos atrás já se dizia que agradamos mais por nossos defeitos que por nossas virtudes. .

*

Julgamos sempre uma fraqueza as coisas miúdas que realizam os grandes. Essa é uma das nossas maneiras de sermos injustos.

*

Aquêle que não quer vencer, aquêle que não quer lutar, está sempre descobrindo impossíveis.

*

As palavras muitas vêzes nos traem as idéias.

E quantas vêzes essas idéias nos vêm claras, profundas, amplas, e as palavras no-las esvaziam, superficializam-nas, escurecem-nas.

*

Há os que se ocultam atrás das palavras, como há os que se ocultam atrás de um sorriso.

Quantos milênios e quanto sangue não custou aos homens a im-

plantação de um certo número de
"nãos" ou de "sins"?

*

Nem sempre o silêncio é uma virtude utilitária.

Nós temos, em nós mesmos, uma pessoa terrivelmente inaturável. A nossa memória. Ela gosta tanto de falar.

*

Nietzsche viu na humildade de Cristo uma compensação ao pedantismo dos fariseus. Criava assim, abismos entre êle e os eternos hipócritas da metrópole do judaísmo.

Um fenômeno psicológico, que se processa através dos tempos, em todas as lutas políticas, religiosas e ideológicas, pelo agravamento dos contrários.

É uma lei da história.

Mas, em Cristo, era mais. E êsse mais foi que Nietzsche não viu.

*

Se possuíssemos os meios de conhecimento de certos animais, como insetos, réptis, peixes, mamíferos e aves, sentidos misteriosos e profundos, quanto enriqueceríamos o nosso conhecimento.

E, concomitantemente, a nossa consciência.

Logo é preciso crer que possamos conquistar outros campos inexplorados. Essa crença não significa meia credulidade.

O homem teve sempre instantes de superação sôbre o embrionário de sua vida consciente. Torna-se, por isso, um dever procurar a superação.

O PENSADOR MODERNO

— Lêde! Construí, hoje, esta filosofia. Amanhã farei outra!.

Senhores cerberos do pensamento, dissei-me: Será um crime ter hoje uma perspectiva do mundo e, amanhã, outra? O ano conhece quatro estações.

Conhece as madrugadas claras do verão, as fôlhas secas do outono, as noites frias do inverno e a alegria rosada da primavera. Há homens outonais, hibernais, estivais, primaverais. Eu os chamo: homens da tarde, homens da noite, homens da madrugada, homens do meio dia. E,

cada um de nós, quantas vêzes, conhece a primavera no verão.

Quantos envelhecidos de cabelos nevados conhecem a doçura da primavera em suas almas? Por que quereis que os homens sejam até em suas idéias, sempre os mesmos? Olhai aquela árvore que nasce à vossa frente! O homem sempre será o homem, obstinadamente contraditório. E tu, jovem, que me ouves: teme, acoberta-te daquêles que criam algumas algemas douradas, e lhes dão nomes admiráveis, penduram-nas ao teu espírito para que as carregues, durante tôda a tua vida. Sê estío, sê outono, sê inverno e sê primavera.

E não temas a crítica incorruptível dos cristais.

*

Estranhas melodias que vêm até mim. Cansadas, amargas, quase

silenciosas, murmuram mansamente um motivo de ternura. Como quereis que nessas horas mansas, meigas, acariciantes, olhe o mundo com outros olhos?

Por que quereis que violenta a mim mesmo e seja o meu próprio tirano?

*

Seriam talvez inúteis as religiões se Deus proclamasse aos homens: "Não receberás nenhum prêmio pelos teus actos bons, nem castigo pelos teus actos maus. Sê simplesmente tu mesmo. Realiza o bem que te dá prazer, e busca neste, quando livre e desinteressado, o benefício que esperavas de mim.

Aplica tua vontade no domínio dos teus impulsos prejudiciais a ti e aos teus semelhantes.

Sublima-os ou vence-os. A tua paga estará na alegria da tua vitória. Conhecerás, aí a tua felicidade!"

*

Os argumentos de uma mulher que nos sorri são sempre aceitáveis.

*

Os absurdos conquistam adeptos. É quase sempre em torno dos absurdos que os homens se congregam mais.

*

Na biografia moderna, há uma tendência que agrada sobremaneira aos mediócrs: reduzir o valor dos grandes homens, humanizando-os à maneira da mediocridade. Por isso sempre é mais fácil reduzir o valor de um grande homem que tornar

grande a biografia de um homem medíocre.

Eis um sinal desta época.

*

Os piores julgadores não são precisamente os que julgam os outros por si?

*

Como sempre nos desconcerta o adversário que não nos teme.

*

Há muito escritor que limita a sua obra com temor do ridículo. E êsse ridículo é quase sempre a maneira expressiva das mediocridades. Quando não entendem ou não sentem, desprestigiam. O inalcançável foi sempre repudiado. A fábula da rapôsa e das uvas tem assim muitas aplicações.

*

Os que querem ser sempre os mesmos é que não desejam ser melhores. E se as rãs pensassem, pensariam assim. Amar o charco é a sua fidelidade aos princípios.

*

Muitas vêzes gostamos mais dos que não pensam como nós, do que dos que pensam semelhantemente. Temos uma certa satisfação em sermos incompreendidos.

*

Postulado é como axioma. Verdades que se provam por si mesmas, por si mesmas evidentes, mas que muitas vêzes não provam por si mesmas, nem são evidentes. Cada época humana tem os seus postulados. E nós, nas fases de nossa vida, conhecemos também os nossos.

*

A coragem não será o medo de outro medo?

*

O homem primitivo percorria os campos, atento aos menores ruídos. O inesperado surpreendia-o e tornava-o vigilante, num misto de curiosidade e terror.

Esse instante de terror passava, depois. Hoje em face do inesperado, o homem ri. É o cômico. Comove-se quando esse inesperado lhe traz matizes de tragédia e angustia-se mansamente, mas por instantes. Nos dois casos, tanto no da alegria como no da tristeza, são apenas momentâneos.

E tudo isso o homem deve à sua civilização e à segurança adquirida.

*

Os grandes idealistas são, às vezes, os maiores inimigos de suas pró-

prias idéias, não só porque as tornam inacessíveis aos menores, que os abandonam, receiosos de suas exigências, como, também, negam-se a aceitar certos processos tão necessários para a vitória delas. Ora isso desanima os mais objectivos.

Eis por que também os grandes santos afastam muitas vezes os crentes das religiões.

E, quando os negam, os que se afastam, fazem-no para não serem forçados a proclamar sua incapacidade à virtude santa.

*

Assim como conhecemos melhor a humanidade na solidão, revelamos a nós mesmos no contacto com os outros.

*

Nunca desejamos tanto ser um deus como quando amamos.

*

—Não tens vaidade, dizes! Mas sinto vaidade no tom de tua voz!..

*

Tôda a dificuldade que um sábio encontra num capítulo de sua ciência, tôda a contradição que aparece no corpo de sua doutrina, e que não pode devidamente explicar, oferece aos adversários um ponto de combate. É êsse um proceder humano: não admitir restrições nem tropeços das idéias, como se todos estivessem senhores da verdade absoluta.

As deficiências de uma doutrina em nada diminuem o seu valor. Ao contrário; elas, em grande parte, comprovam o valor da doutrina. Os organismos doutrinários, que se fundam em princípios rígidos, são os que tombam mais fragorosamente e, em regra geral, os que revelam maior fraqueza.

*

Ficar na história não é estar nas páginas da história, mas no pensamento dos homens.

*

A felicidade é a consciência da força. E a consciência da força está na vitória.

*

Não somos nós próprios os que têm maior facilidade de encontrar os caminhos interiores que nos levam ao nosso âmago. Impõe-se que outros nos indiquem. A fruição de uma obra de arte é, às vezes, essa vereda.

*

Há uma subtiliza: a da profundidade que aparece nas superfícies; simples, ingênua.

*

O homem que fala à multidão e quer convencer a multidão, tem que

falar a língua da multidão, com lógica da multidão.

*

Quando o homem é mais sincero? Quando cumpre seus actos de acôrdo com seu temperamento ou quando os realiza de acôrdo com suas convicções e princípios?

Por aí se vê que dois homens que defendam a sinceridade poderão não se entender.

*

O homem é um devorador de absurdos.

Necessita dêles para seu alimento, para seus ideais, para seus sonhos, para seu riso.

Sobretudo para alimento do seu riso. E isto enobrece supinamente os absurdos..

*

O homem é filho da insatisfação. Tôda a história humana, como tôda a história vegetal, animal e cósmica, é a história da insatisfação. A satisfação seria o equilíbriro. O impulso para mais é uma exteriorização em busca do equilíbrio.

*

Podes brilhar, estrêla, embora os homens te não vejam nos dias claros. Que te importa; tu não existes apenas para êles. Tu brilhas para o universo inteiro!

falar a língua da multidão, com lógica da multidão..

*

Quando o homem é mais sincero? Quando cumpre seus actos de acôrdo com seu temperamento ou quando os realiza de acôrdo com suas convicções e princípios?

Por aí se vê que dois homens que defendam a sinceridade poderão não se entender.

*

O homem é um devorador de absurdos.

Necessita dêles para seu alimento, para seus ideais, para seus sonhos, para seu riso.

Sobretudo para alimento do seu riso. E isto enobrece supinamente os absurdos..

*

O homem é filho da insatisfação. Tôda a história humana, como tôda a história vegetal, animal e cósmica, é a história da insatisfação. A satisfação seria o equilíbriro. O impulso para mais é uma exteriorização em busca do equilíbrio.

*

Podes brilhar, estrêla, embora os homens te não vejam nos dias claros. Que te importa; tu não existes apenas para êles. Tu brilhas para o universo inteiro!

OS PREGADORES

Também falamos com muito entusiasmo e enfaticamente do que julgamos não convencer aos que nos cercam. Quem defende uma idéia, e percebe certa desconfiança, emprega excessivo entusiasmo. Às vezes essa desconfiança existe somente na impressão de quem fala, e suas palavras passam por exageradas.

A convicção ou não, de um ponto de vista, de uma idéia, de uma tese, classifica a exposição da própria tese. É ao que chamamos, também, “provar demais” Tudo que aceitamos como verdadeiro exige de nós poucos argumentos. Por isso nos

aborem as demonstrações longas das nossas idéias. Os pregadores de uma causa, quando conhecem essa lei, sabem como devem expor suas opiniões.

As palavras de ordem dos partidos políticos, singelas, expressivas, concisas e claras, dirigem-se, sempre, àqueles que aceitam de antemão a sua política ou o seu ponto de vista. Também se pode dar precisamente o contrário. A convicção pode nos forçar a defender mal nossos pontos de vistas, e a descurarmos a exposição de nossas idéias, não atingindo, assim, o efeito desejado.

*

É preciso uma certa coragem moral para julgar. Nem todos os covardes aceitam a posição de juiz.

*

Não se deve, em absoluto, relacionar o autor com a obra. Há obras que são maiores que o autor e autores que são maiores que a obra. Se julgássemos aquêla pela obra, poderíamos ser excessivamente injustos. Há obras que são verdadeiros partos dolorosos. Custam o melhor de uma alma, de um sonho e a sua realidade é, não poucas vezes, o sepulcro de uma esperança. Custaram sacrifícios incalculáveis. Um jovem medíocre, que realiza uma obra notável, é sob vários aspectos supinamente maior que a obra, porque ela é fruto de um trabalho insano.

Um gênio faz a obra espontaneamente, sem grandes sacrifícios de si próprio. Não a vê como a melhor parte que se destacasse de seu corpo, de sua alma. Sente-a estranha, não porque a julga diferente, mas aquém das suas possibilidades.

O autor medíocre, que realizou uma grande obra, sente-a o máximo que poderia fazer e põe nela um olhar de satisfação.

Repito: não se deve relacionar uma obra ao seu autor, medindo-a por aquê. Dou dois exemplos: Goethe foi maior que sua obra, e, em Flaubert, sua obra foi maior que êle. Goethe realizou seus trabalhos sem grandes esforços, e Flaubert atingiu a uma espécie de heroicidade intelectual.

Admiramos as obras do passado, mas a alma do passado não podemos penetrar. Isso não induz que sejamos tão distantes como Spengler desejava ver.

Não compreender o passado, não é refutá-lo.

Há, em nosso respeito, uma aprovação.

*

Os melhores momentos de nossa vida são aquêles que ficaram para trás, e que não chegamos a viver.

*

O especialista chama de “diletantismo” e tem um olhar de compaixão para a busca além da especialidade.

*

Normalidade é a anormalidade de quase todos. (Ou: a loucura comum.)

*

A bondade é a capacidade de sentir a dor dos outros. Não há nisso nenhuma fraqueza, porque é simplesmente um reflexo de ordem subjectiva. Todo o bondoso sente a dor do outro. É por isso que se recolhe, que se solidariza. Há na vontade um aumento de inteligência. Imaginar algo e sentir é já ser inteligente.

Combater para reduzir os exageros que possam advir da bondade, em face da imensa maldade dos homens, é outra coisa.

É como se pedíssemos a um biólogo que não falasse em biologia pura a um grupo de ignorantes, a não ser em termos mais populares e acessíveis, para que eles pudessem perceber alguma coisa.

Devemos dirigir os nossos corações como o biólogo que falava a um grupo de ignorantes..

*

É sempre socialmente perigoso pensar contra a corrente. Todas as idéias, que hoje julgamos sedições e ingênuas, já foram, em um tempo, terrivelmente perigosas, clandestinas, ameaçadoras, indecentes, revolucionárias, heréticas.

Uma história terrivelmente ridícula é a história das idéias humanas.

*

A beira de um riacho havia uma árvore. Era outono. As folhas secas caíam. Uma revolteou, fez caprichosos desenhos no ar, e aquietou-se, enfim, na outra margem. Outra se despenhou da árvore, planou algum tempo, pelo ar, depois navegou ao sabor da água corrente. Uma terceira foi levada pelo vento à distância. Um poeta, que era filósofo e assistia a queda das folhas secas, ponderou, num verso, que elas eram guiadas pelo azar.

*

Quando Lopes Trovão exclamou: "Esta não é a República que eu sonhava", entrou na história.

É que Lopes Trovão tem um significado: a revolta dos primeiros

prosélitos de uma idéia, quando essa idéia vence. A história também guarda outros exemplos.

*

— As circunstâncias me obrigaram a fazer isso.

— Então, agora já te conheces?

— Sim. Agora tenho a certeza de que me conheço.

— Não, amigo! E que mistérios occultam as tuas circunstâncias?

*

No momento que passa, não há mais lugar para os solitários. Até a solidão já está devassada. Como ficarmos indiferentes aos problemas colectivos, se a colectividade penetrou na vida dos indivíduos?

Precisamos pensar na solução dos problemas colectivos para que possamos resolver o problema dos solitários. É em defesa da própria so-

lidão que necessitamos ir, outra vez, para a praça pública, sofrer o zumbido das moscas que voejam à nossa volta. Até os solitários estão mobilizados, hoje, para a solução dos problemas universais. Esse o sentido mais vivo e mais robusto que o momento impregnou nos homens: o problema colectivo domina.

Precisamos ser "socialistas" na observação dos factos humanos, para garantir, mais uma vez, os direitos do indivíduo.

*

Humanidade. Eis ainda uma palavra que apenas diz a espécie. Enquanto os homens não se tiverem unidos por um interesse comum, não existe ainda humanidade. Existem povos, nações, classes, castas.

*

Afirmar a vida é uma maneira de eternizá-la.

*

Na concepção do absoluto há também afirmações.

Por que falais em absoluto, apenas com o desejo de vos negardes?

*

Queixar-se do destino é blasfemar. Conformar-se com o destino é blasfemar. Amar o destino para superá-lo, é a mais nobre de todas as orações!

*

Quando sofres o desejo de um impossível; quando não consegues vencer a dificuldade que lutaste por superar; quando uma insatisfação te oprime o peito e te arranca um suspiro; quando desejas ter aquilo que o destino te negou e que vãos

foram teus esforços para conseguir, podes, muito bem, conformar-te com tudo. Podes ter um suave sorriso, estóico e indiferente. Mas dentro de ti alguma voz clamará surdamente, a qual precisarás amordaçar. E nesses momentos, por que não interrogas a ti mesmo se existe em ti ou não alguma coisa de imanente, um desejo de ter o que não possues, um desejo de vencer as tuas derrotas?

Esse imanente, homem é o anseio de crer em alguém que paire acima dos homens e das coisas.

*

Aquêle que nunca invejou que atire a primeira pedra.

*

A rapôsa que desdenhou as uvas inatingíveis também fazia filosofia. Porque desdenhamos sempre o que não podemos possuir?

Uma esperança não nos faria voltar atrás?

*

Um deus não poderia gozar a satisfação de Salomão quando deu a sua famosa sentença às duas mães que reclamavam o mesmo filho.

*

Não sabe respeitar bem, quem não saiba desprezar bem.

*

A consciência trágica é o conhecimento de dois mundos históricos, o choque de indivíduos ressentidos ante o destino, mas que julgam possível dominar, vencer e, por isso, arrostam os azares da luta.

A tragédia supõe sempre um conflito de dualidade.

No solilóquio de Hamlet havia tragédia porque havia o conflito entre o destino e a consciência. O homem deve ser o único animal trágico porque, parece, é o único que tem consciência, e sente-se guiado pelos azares do destino.

ASSIM NASCEU A RELIGIÃO

Na noite, cercado de trevas, a luz pálida da lua iluminou-me de prata os caminhos; quando tive sede, a fonte borbulhante me deu a água que amorteceu a febre dos meus lábios; os frutos maduros, que pendiam da árvore, saciaram minha fome que rugia; das palmas olorosas construí a cabana onde apaziguei meu corpo cansado; nas noites frias, esquentei-me perto das línguas lampejantes do fogo que devoraram os gravetos secos; nas chuvas, acober-tei-me sob as ramas copadas das árvores; o sol morno crestou minha pele e iluminou os campos e as flo-

restas; quando me senti morrer, abracei-me à terra. Por que não devia acreditar em alguém para agradecer?

*

Mentira que os homens aspirem e dirijam-se, exclusivamente, para a conquista do bem estar.

*

A subtileza veste-se também de simplicidade. :

*

“Ó! vós que amais o prazer mais que a dor!

Ó! vós que amais a dor mais que o prazer!..

Como desejaria falar de vossa morte, como desejaria dizer que vós todos, ó, hedonistas e “álgicos”, sois os pagens da morte. E vós, ó estóicos, que buscais o mínimo de prazer

para serdes capazes de sofrer o mínimo de dor, que nome vos darei? E vós os que temeis as alegrias intensas, temerosos das mortais angústias!.

Há decênios que buscais a diminuição da dor, ó cientistas, ó filósofos, ó moralistas!

Que obtivestes dessa pletora de saciedades?

Cansastes o homem da vida, entendiastes a juventude antes do tempo. Que mentira a dos vossos produtos que aliviam tôdas as dores! Substituístes a filosofia dos consoladores pelos sedativos dos farmacêuticos. Não precisais mais ler. Basta-vos um tubo de analgésicos...

Construístes a mentalidade hedonista dos que buscam, contra todos os seus instintos verdadeiros, a consciência inautêntica dos prazeres artificiais. Se eu vos acusasse dessa guerra, dêsse morticínio, dessa ple-

tora de angústias, e vos dissesse que isso nada mais é que uma compensação física, biológica, dos excessos de dores que armazenastes, que roubastes dos homens e que, agora, dais em excesso, talvez rísseis de mim!

Não impedireis que eu diga: Acuso-vos de haverdes prometido demais aos homens. Acuso-vos de haverdes mentido demais aos homens. Diminuístes, nêles, até a sua capacidade de alegria, porque lhes destes a alegria das vossas falsificações!

Não soubestes ensiná-los a sofrer suas dores. Não dissestes que, nelas, o homem conhece a valorização das suas alegrias. Não vos prego o estoicismo que pede menos prazeres, para conhecer menos dores. Eu vos prego outro estoicismo que aceita as dores, como antecâmara do prazer, e o prazer como antecâmara da dor.

Eu vos prego aquela perspectiva que vos aproxima de vós mesmos, e que não vos distancia em busca da miragem de uma imagem falsa do homem.

Eu prego o homem buscando-se para encontrar a sua superação!

Não teria falado assim Zaratus-tra?

*

O especialista admite tudo, mas desconfia do especialista na sua especialidade.

*

Os que não são grandes em sua dor — que a não compreendem, que a não vencem — são os despojos dos conquistadores medíocres.

Êsses não conhecem a polidez nobre dos que não pregam a resignação.

*

Quantos são prisioneiros de sua própria liberdade.

*

Todo aquêle que não é êle, é um angustiado.

*

Julgam muitos que a ciência aniquilará o misticismo. E acrescentam: quando os intelectuais se guiarem pela ciência, abandonarão tôdas as filosofias místicas.

Esse é mais um sonho, uma ilusão bem século dezenove, ainda arraigada ao nosso século: de que à ciência cabe dar a última palavra. A ciência é um meio não um fim.

É uma estatística da natureza, não a linguagem da natureza. É um processo de se resolver por hipóteses, sob o fundamento de outras hipóteses.

*

É necessário que se compreenda o sentido biológico dos que lutam pela construção de uma sociedade que ampare os fracos.

Há fracos demais, no mundo. A solução do problema dos fracos impõe-se, não para conservá-los como tais, mas para educá-los a se transformarem em fortes.

*

Aplicar a dialética até à fenomenologia da vida é reconhecer o reverso das coisas, é vê-lo, é apalpá-lo, é afirmá-lo.

Só se afirma quando se observam os fatos também pelo seu reverso.

*

Buscar a serenidade da inconsciência é uma espécie de nirvana. Buscar o aniquilamento do indivíduo, é outro. Romper os limites, passar pela angostura da consciência

e penetrar num mundo de fantasias, de sonhos, essa sensação hipnótica das grandes alturas abstractas, é o nirvana que o Ocidente busca descontroladamente.

Desejar arrastar-se aos impulsos de morte, vencer a si mesmo, para diluir-se no todo, é o nirvana que procuraram impor-lhe. Há, aí, o caminho para duas espécies de homens: os fortes buscarão o primeiro; os fracos, o segundo.

No primeiro há superações. No segundo, aniquilamento.

*

Filósofo não é só o que ama a verdade.

Filósofo é o que busca a superação intelectual.

*

O silêncio também é virtude.

*

Estamos conhecendo os decênios relativistas.

O malôgro do espiritualismo e do materialismo; o malôgro da ciência do século XIX, quando a actual marcha para uma concepção estatística do universo; a consciência da história, nascida logo após a decadência do império romano e o domínio cristão de séculos, com sua concepção ecumênica do mundo; o malôgro das grandes revoluções que determinaram a consciência de uma lei de que os resultados são sempre inferiores aos esforços despendidos; as duas últimas guerras pre-totalitárias e essa que se aproxima; tudo, no Ocidente, contribui para a formação da concepção relativista. Incluem-se mais: o malôgro do racionalismo; o desenvolvimento da crítica dialéctica; retôrno a Hegel; resurreição das doutrinas de Heráclito e de Tales de Mileto; retôrno às

filosofias pre-socráticas; redução da dignidade do homem; nivelação das classes; tendência ao socialismo; concepção social do homem ante tudo isso, não poderia deixar de surgir uma perspectiva relativista do mundo. Entramos, assim, no século relativista. Precisamos desde já libertarmo-nos, através de uma filosofia mais sólida e de mais bom senso, de tudo isso.

*

Há sofrimentos que se escondem, e se guardam atrás da penumbra dos sorrisos, ou buscam silêncio nas gargalhadas.

*

A arte oferece ao homem um alargamento. As emoções dos outros se tornam nossas.

O efêmero das condições adversas

é que tem determinado o efêmero de tantas filosofias.

*

“Tôdas as dores são consoláveis.” Assim sempre julga o que não sofre, e sempre o diz ao que sofre.

Nisso não há solidariedade, mas apenas simpatia.

*

Só os que sofrem conhecem bem o que é a alegria.

AO MEIO DIA

E o homem falou piedosamente:
— Acredito em Deus que me criou! .

E, depois, disse mansamente:

— Deus me ama, porque me criou.

Numa noite, após as lágrimas terem lavado seus olhos, gemeu:

— Senhor, que pecado cometi?

E foi numa tarde cinzenta e úmida que murmurou:

— Não teria sido eu quem criou a Deus?

E houve um dia, que contendo os soluços, balbuciou:

— Senhor, por que me criastes?

Mas buscou um paradoxo para si mesmo:

— O maior crime é haver nascido.

E, numa manhã clara, cheia de sol, ergueu o rosto para a luz e clamou transfigurado:

— Comerei meu pão com o suor do meu rosto, mas amarei a vida que tenho nas mãos. Amarei o sol que me alumia. Amarei os pássaros que cantam. Amarei a mim mesmo, que é a minha realidade. Só assim eu não te nego, Senhor!

*

Os esgotados, os cansados, os sofredores, sonham com um mundo de passividade, sossêgo, de prazer sereno; mas os agitados, os activos, a quem a actividade é uma necessidade, também sonham com esse mundo de passividade e de sereno

sossêgo. E há os que desejam a alegria do incerto, o prazer dos imprevisitos, ou porque o destino os colocou insubmissos sob a dominação da passividade ou porque não os permitiu que vencessem os seus limites torturantes. Compreender os homens sob êsses dois aspectos, e ainda sob vários outros, é ser conseqüente com a natureza humana.

As regras gerais de conduta oferecem grandes injustiças, porque julgam os homens pelo postulado rousseauiano de que todos nascem iguais.

Compreendamos e respeitemos aquêles que desejam um mundo de agitações, de actividade e de prazeres ruidosos.

E por que não podemos conciliá-los na sociedade? .

*

Em tôdas as épocas há um eternamente actual que é também símbolo dessa época.

Aos artistas cabe fixá-lo..

*

A evidência geral de um acontecer não implica um argumento a favor da verdade, porque a generalidade de uma verdade pode ser, também, a generalidade de um êrro.

*

Os homens envenenaram o conceito da ingenuidade. Os malignos dos anos sinistros que correm, vêm nela uma atitude vulgar e simples.

Reclamo os seus direitos. Ela é a simplicidade, é a lhaneza, é docilidade para consigo mesma; é o olhar sincero para com os outros; é a confissão honesta de suas virtudes e de seus vícios; a sinceridade das altitudes e dos desejos; a clareza das

ambições e dos gestos; honestidade sem torturas, sem desvios, sem dissímulos; candura simples e dócil, graça humana e natural, qualidade de ser o que é, sem ornamentos, sem vestimentas aparamentosas, sem gestos rebuscados. Ingenuidade é simplicidade, é candura, é graça, é distinção.

Reivindico à ingenuidade seus sa-
grados direitos que os hipócritas
roubaram.

*

A intenção não justifica um ato. Precisaríamos, primeiro, provar que a intenção sempre “determina” o acto.

*

Não é o parcialismo outra das características dos homens bovinos da actualidade? Quem ouve um idólatra da especialidade falar não sente

essa força de convicção dos médios?

Na verdade, a dúvida já classifica os homens.

*

A sinceridade é espontânea. Por isso muitos julgam que os gestos que parecem espontâneos sejam sinceros.

*

Nós ainda assistimos milagres...
Senão, que é o gênio?

*

Um astucioso aconselhou a um ingênuo: "Tu falas demais de ti, o que te medioriza. Tornas-te conhecido. Acabam medindo-te com tuas palavras e com teus actos. E conhecendo-te como por exemplo eu já te conheço, difícil será a tua defesa. Se guardares sêgrêdo dos teus actos, poderás impressionar, quando

sejam êles conhecidos. Se praticares o bem em silêncio, e outros amanhã vierem a saber o que fizeste, e do qual nunca a ninguém falaste, acabarão crendo em ti, quando falares. Acredita que há uma certa astúcia em muitos que praticam actos de benemerência sob o anonimato. Êles têm esperança de serem descobertos. E essa esperança já os anima. Se são crentes, êles sabem que Deus lhes concederá um crédito. Mas sempre vale mais que a ostentação.

*

Pela memória, o homem devassa o tempo. A recordação torna-nos mais profundos. Os homens profundos são sempre os que recordam. Há sempre superficialidade naquêles que vivem apenas a hora presente.

*

Podes acusar os homens de tudo quanto quiseses, depende das palavras.

*

A maior escola dos homens é o sofrimento! (Lugar-comum que tem contra si a evidência.)

*

A compensação de um sentimento é às vêzes um contra-sentimento, uma aversão. Os grandes patriotas são, em geral, adversários ferrenhos dos seus semelhantes, e possuem poucos amigos. Os que amam profundamente a Deus, desprezam as qualidades humanas. É, por isso, que os maiores altruístas nem sempre são crentes...

*

Um determinista uma vez me disse: "Cada um dos meus actos,

como cada um dos actos de qualquer mortal do mundo, como de qualquer ser, estão previamente determinados.

O acto que pratico, é, portanto necessariamente determinado, como o acto que tu ou qualquer outro pratiquem. Nenhum deixará de se cumprir, porque cada um está determinado, fatalmente, como consequência da lei de causa e efeito. Ao levar aos lábios esta xícara de café, pratico um acto que necessariamente teria que acontecer. Isso, meu caro, proclama, a respeitabilidade cósmica de cada um dos nossos actos. "

Depois de ouvi-lo concluí: A mosca que zumbe aos meus ouvidos, se fôsse determinista, estaria crente que a ausência desse acto de circunvagiar à minha cabeça poderia perturbar os acontecimentos do mundo. Ela, também, faz parte do de-

terminismo universal, e seu gesto é respeitabilíssimo. .

*

Martirizei meu entusiasmo com a dúvida. Combati com ardor as minhas próprias idéias. Quis destruir dentro de mim a pletora da juventude. E neguei-me, e contrariei-me, e combati-me.

Tudo para anular dentro de mim os preconceitos da juventude. E quando assisti à minha vitória, sorri. Mas foi um sorriso rápido como um meteoro rasgando o céu. Eu havia compreendido que todo aquêlê esforço era ainda juventude.

*

Um professor, é, na vida, muitas vêzes, sòmente um professor. Um poeta, sòmente um poeta; um escritor, sòmente um escritor, preocupado com o público e com o gôsto do

público. Quão poucos são aquêles que conseguem ser um pouco mais que si mesmos.

*

Qual das duas verdades tu preferes: Aquela montanha branca de neve, coberta pela cúpula de ouro e sangue das auroras pálidas, quase sem vida, onde nem uma voz grita a afirmação do tempo, como se alí o tempo parasse à espera de si mesmo; ou a verdade morna que vem daquelas florestas emaranhadas de galhos e de troncos que ficam no alto daquêles montes, onde o uivo das feras rasga o espesso das folhagens, onde o zumbido dos insetos risca a carne das matas como arrepios incontidos, onde o marulhar de um veio d'água murmura histórias às plantas debruçadas sôbre a umidade tépida?

Qual das duas verdades tu preferes?

*

O homem que obtém de uma mulher todo o seu pudor, que teve nas mãos o seu corpo pela primeira vez; que dela usufruiu todos os encantos, mistura, quase sempre, a êsse facto, uma indiferença, ou um desvalor criminoso. Ela, no entanto, elle deu tudo.

*

Há os que defendem com grande entusiasmo uma causa. Aplicam-se nela, emprestando às suas razões as mais ardentes palavras. Buscam, incansáveis, convencer os que duvidam, ou os incrédulos. Não será isso uma fraqueza? A falta de sua própria convicção?

A necessidade de conquistar a si mesmo para a sua causa?

*

A indiferença ao valor é muitas vezes a homenagem que os médiocres prestam aos superiores.

*

A arte deve ser um estimulante, não um estupefaciente. A arte deve volver ao seu sentido sagrado: ser acusativa. Ela deve definir a nova imagem do homem, dar-lhe um gosto, dar-lhe um estilo, mas dentro das manifestações vitais. Deve denunciar os alcalóides que escondem os remorsos dos opressores, dos falsos, dos hipócritas. A arte deve ser uma acusação e uma denúncia.

*

Ah! a busca incontida dos rios nas lonjuras.

*

Êsses rostos sombrios, essas faces fechadas, onde as asas de um sorriso sorriem uma blasfêmia, guardam quase sempre em sua gravidade o tesouro de seu grande vazio. O riso ainda distingue os homens dos animais.

*

Há no cosmopolitismo uma confusão dos sentimentos, das paisagens, dos gostos, porque as horas são segundos. Os homens têm medo de dirigir as próprias idéias. Por isso objectivam-nas na periferia.

*

A incapacidade de poder realizar alguma coisa de perfeito, faz negar a possibilidade da perfeição.

*

Cala-te para escutares o teu silêncio.

*

O pessimismo é uma força dos fracos. Um vício de derrotados.

E quando materialistas e espiritualistas julgam-se nos extremos, e proclamam que lutam pela verdade, ambos somente realizam uma “luta”, que é inerente à própria vida, e não solucionam um problema de filosofia.

*

Em mim lutam a vida e a morte, o sonho e a razão, os instintos e o pensamento. A minha vitória seria sobre a vida e a morte, se um dia, a mim, me coubesse a vitória. Aquela árvore que investe suas raízes no solo, profundas e torturadas, que estira os galhos cobertos de folhas, luta entre a vida e a morte. Tu, universo, lutas entre a vida e a morte. A tua vitória, a vitória de vós todos, está além da vida e da morte. Por que temeis os vossos im-

pulsos? Por que negais o vosso anelo de eternidade, se todos vós buscais a eternidade?

*

Há crueldades que são um sinal de inteligência. Há outras, porém, mais numerosas, que são um sinal de falta de inteligência. Há maus porque não sabem ser bons. .

*

A educação para a dor faz parte da educação dos sentimentos.

Talvez nunca os homens aprendam perfeitamente a sofrer, porque talvez nunca queiram aceitar que ela é uma necessidade para a vida.

*

Chegaremos ainda a renunciar o desejo de "conhecer", assenhoreando-nos do mundo.

E volveremos, depois, a dominá-lo. E assim prosseguiremos, através de nossas decepções, de nossas renúncias e de nossos anelos.

Mas sempre distantes do fim que estabelecemos.

BONDADE

— O que entendes por bondade?

— O amor desinteressado pelos nossos semelhantes, o olhar manso para as coisas do mundo, a benevolência para o que erra, o gesto de afago e de carinho para o que sofre. Bondade é a projeção de nós mesmos aos nossos semelhantes. É querê-los, como se êles fossem nós mesmos. É fazer nossa a dor dos outros.

É ser feliz, na dor; feliz, na alegria. É encontrarmo-nos nos que sofrem e nos que riem. É desejar o bem sem que sejamos pagos por nossos semelhantes, é prodigar o

bem sem benefícios terrenos. É a isso que eu chamo de bondade...

— Compreendo, agora. Mas dize-me: devem tôdas as lágrimas serem enxutas? Devem tôdas as dores serem aminoradas? Devemos sempre ser benevolentes para com o êrro do próximo? E se não amarmos a nós mesmos, como projetaremos em nossos semelhantes a nossa imagem? Como faremos nossa a dor dos outros, se essa dor não nos dói como nos outros.

E como fazer nossa a sua alegria se ela não nos faz pulsar mais o coração? E como nos procuraremos na dor dos outros se a nossa só dói em nós? Não seria talvez bondade, afastar os nossos olhos dos sofrimentos dos nossos semelhantes e tratá-los sem pregar a resignação? Não seria conhecer a verdadeira bondade não desejar nunca ter de suavizar a dor de ninguém? Por que juntaís a bon-

dade ao amor? O amor é egoísmo. Aminorar a dor dos outros é egoísmo. Por que não ensinaremos aos outros que aprendam a sofrer sua dor e a gozar a sua alegria, sem que a nossa intervenção seja necessária? Não seríamos melhores se lhes ensinássemos vencer as suas próprias batalhas?

*

As religiões atraem os desesperados da vida; os amargurados. Ao combater o suicídio, elas buscam a solidariedade dos enamorados da vida.

Essa é uma maneira, pelo menos literária, de compreender, de interpretar a luta contra o suicídio.

*

Ele fôra modesto. Em casa vivia sem nada alegar contra a vida.

E seguia a existência uniforme dos dias, sem nada ter realizado contra os costumes estabelecidos, porque não era ambicioso.

No dia em que todo o monumento de sua moral derruiu, ninguém viu outro que mais lutasse pela conquista da fortuna. Chamaram-no, por isso, contraditório.

*

A convicção absoluta de uma idéia é o que, muitas vezes, afasta o homem dessa idéia. É um dos casos em que os extremos se tocam. A excessiva fé transforma-se na descrença. Por não compreender tal, que é humaníssimo, é que muitos homens são julgados injustamente pelos outros.

*

Os derrotados sempre acusam à vida a culpa de sua derrota.

*

Ele tinha o vaso na mão. Pôs-se a revirá-lo de um lado para o outro. Viu o fundo, leu as inscrições que tinha e franziu o nariz. Depois revirou-o outra vez, examinando as decorações. Fechou com lentidão os olhos pequenos. Colocou o vaso sobre a mesa e afastou-se um pouco. O homem do balcão acompanhava um a um seus gestos. Estava convicto que se achava diante de um verdadeiro conhecedor.

Mas, para mim, nada mais era que uma manobra astuta para conseguir pagar um preço mais baixo.

Ele desmoralizava, fingindo entender.

—Qual é o último preço?

Quando êle pronunciou essas palavras eu gritei para mim em ar de triunfo: ganhei.

*

Aquêlê livro que, depois de lido, nos faz esquecer por algum tempo todos os outros, é sempre um grande livro.

*

— Na contemplação de Deus, esqueço os meus instintos. Calam-se minhas ânsias, quando fico absorto na contemplação da sabedoria. Aí está a felicidade que a sabedoria nos dá.

Um asceta poderia falar assim, porque assim falam os ascetas. E poderia prosseguir: — Percebo a vaidade de tôdas as coisas. Tudo é efêmero, transitório. Como me cingiria a desejar o que se escoia pe-

lo tempo? — A dúvida só existe para os que se apegam ao transitório...

Assim falaria o asceta. É nessa interpretação que êle encontra a sua felicidade, e o seu céu. Devemos por isso roubá-lo de sua felicidade e do seu céu?

*

Os traumas que estremeceram nossos inconscientes, não arrepiam levemente a epiderme preconsciente de nossos filhos?

*

Anelas o término. Se pudesses realizar de uma vez a totalidade das tuas possibilidades eternas! Um desejo sem nome de alargamento, de dissolução no cosmos, que desejo bem nihilista de um nirvana impossível!

Ser nada também é um anelo.

*

A passividade cria a nostalgia da
ação.

*

Faze de tua arte o motivo de felicidade para os outros. A arte deve ser como uma festa!

*

Hércules foi o herói da fase épica da Grécia.

Parsifal e Tristão, da epopéa fáustica. Don Quixote, o herói da cavalaria andante. Hamlet, a dúvida cheia de brumas do norte. Ambos ainda fáusticos. Don Juan, o herói das classes médias do Renascimento.

Fausto, o último lampejo do homem da noite, que a madrugada despertou. Werther, o homem da tarde, que volve para as trevas interrogativas em busca das respostas. Jean-Cristophe, o último herói que luta contra a dissolução nas

multidões. E tu, figura imprecisa de traços imprecisos, anônimo e rarefeito, que passas pelas ruas povoadas, nas tardes de sóis distantes e invisíveis, de luzes que nem chegam a conhecer os cambiantes, porque os focos de luz afastam as trevas; tu, que nem podes perguntar, senão aos teus instintos, uma meia duzia de “porquês” tão simples, tão ingênuos, que mais são as vozes ensurdecidas dos teus impulsos recalçados, o conjuro dos teus ressentimentos; tu, herói sem nome, milionésimo cidadão que paras em frente aos sinais luminosos, à espera que a vida te dê a passagem para outros rumos, onde te dissolverás outra vez, na mesma multidão, donde não sais, que contigo pulsa, sofre, ama, deseja com o mesmo ritmo; tu, és o herói século vinte? Guardas em ti uma diferença aos heróis que te precederam. Uma única, apenas. És

simplesmente coletivo. Não te deram, ao menos, a vaidade de uma exceção. És simplesmente o milionésimo cidadão das metrópoles. .

*

Todo o sistemático unilateral julga ter seguido os caminhos que o levaram ao "vale da verdade".

Alí está êle, verde, bucólico, exuberante.

Que lhe resta senão examinar aquêle recanto do mundo? Além do "vale da verdade" . Mas isso é uma heresia. Nada existe além do "vale da verdade", exclama o sistemático!

*

O mundo é ilusório? Não! Nós é que temos uma perspectiva de ilusão do mundo...

*

Schopenhauer é o filósofo que sempre será aclamado e lido por todos quantos têm sobre si o peso de uma derrota e a aceitam. Nietzsche dos que querem superá-la.

*

Que seria do homem sem a imaginação?

Como suportaria o mundo sem ela? O homem mais infeliz é aquêle que não a tem. Se a ciência exclama que todo o nosso imenso mundo solar não é mais que um ponto no universo, nós, pequenos nada da terra, que também é um nada na imensidão, que somos?

É essa a realidade que a ciência nos dá. Mas podemos crer que somos pequenos deuses dirigindo o imenso.

Cada um pode exclamar: "Eu sou maior que o mundo. "

E cada um o é, dentro da sua transfiguração, dentro das novas dimensões que medem as coisas, não mais pelo tamanho, mas pela nossa vontade.

É aí que o homem continua sendo a medida de tôdas as coisas.

*

A moeda falsa na arte expulsou a boa. Admitamos as falsificações, mas somente quando elas são grandes falsificações. As pequenas são obras dos charlatães.

*

É preciso temer aquêles que querem ser adorados, como ídolos. E é preciso não ter receio de afrontá-los, nem denunciá-los.

*

A objectividade é a epiderme das personalidades restringidas. Tam-

bém para os incapazes dos grandes sentimentos.

*

“Ele irritou-se, não porque havia desejado fazer aquela vileza, mas porque lhe atribuíram aquêles desejo vil. Isso era demais.”

*

Valéry proclamava: “Jamais pude considerar a metafísica senão como uma arte. Na ausência de semelhante ponto de vista, somos obrigados a rejeitar, como seu valor, tôdas as grandes filosofias do passado, destruídas notadamente pelo progresso da ciência. Uma filosofia é inseparável de um filósofo, ela é essencialmente intransmissível, e, por isso, se opõe à ciência.”

Mas ainda há mais: a ciência pode destruir algumas filosofias. Muitas, até, já foram destruídas, mas volta-

ram, depois, a ressuscitar. Que diremos do "heraclitismo" em suas linhas mestras?

Todos os pressocráticos haviam perdido sua influência no Ocidente. Hoje vemos renascer pela própria tendência da ciência, a mesma versátil ciência, as doutrinas, que, em nome dela, os homens, haviam destruído. A verdade destrói a verdade, isto é: o novo êrro costuma destruir o êrro mais antigo.

Isso é da psicologia do êrro. E ademais Valéry apenas proclamava sua ignorância das filosofias do "passado"

*

O pessimismo que nasce, que vive e prospera nessas cidades de acção e granito, é a grande fôrça estimulante dos nihilismos negativos, activos ou passivos.

*

Não compreendemos porque os jovens não reajem como nós às inovações e as aceitem com facilidade.

Quereríamos que sentissem como nós, porque os julgamos como nós.

É essa uma das maneiras mais humanas de sermos injustos.

*

Há impulsos vitais que transcendem até a própria biologia.

*

A liberdade do homem tomada isoladamente é uma mentira. A determinação do homem: uma mentira. Tôda a filosofia que se baseie apenas num dêsses postulados, fundamenta-se na mentira. Enquanto o homem não compreender tôda a extensão ontológica da verdade não conhecerá a verdade. Esta estaria apenas em função de sua capacidade de conhecer. A verdade só se deixa apreender, através do cristal do êrro.

Por que, filósofos, desprezais sempre aquêles mistérios que, depois de buscas demoradas, não conseguistes captar?

Nada exige ser mais reabilitado que a fábula e o apólogo. Não só uma reabilitação plena, como a necessidade de serem novamente instaladas na educação da juventude. Sempre terá uma alma de méritos o que um dia leu o fabulário humano e sentiu a beleza das fábulas, e alguma vez, quem sabe, teve nos olhos uma lágrima de emoção. Em verdade pode-se dizer: quem chora ante a beleza é porque tem magnanimidade de alma.

*

O medíocre sempre proclama a virtude do meio têrmo, que é meia virtude e meio vício. Os excepcionais, dos extremos, o têrmo médio que une os extremos.

MEMÓRIA

A memória dos factos passados de nossa vida tem alguma coisa de mítico. Sobretudo, quando, na infância, assistimos algum facto que nos emocionou, e do qual fixamos uma lembrança confusa, que guardamos pela vida, ampliando-a com decorações de origem temperamental.

É assim tudo o que guardamos da infância. E, como nós, os povos.

Na maturidade, sabemos conservar de maneira mais homogênea a imagem dos acontecimentos. Temos pontos de referência para recordá-la com mais pormenores e mais verdade objectiva e prática. Na ancia-

nia, conservamos a memória dos actos maduros. E como nós, os povos. É na maturidade que os povos e culturas, sabem guardar a memória de sua vida passada, dos dias de maturidade que viveram, porque conservam pontos de referência para ligá-los com mais pormenores, mais verdade objectiva e prática. Hoje se observa uma luta contra o mítico. Pode-se portanto afirmar que a humanidade envelhece. Um lugar-comum, direis. Nem tanto, porque há os que acreditam e pregam uma juventude perpétua. Também o facto de nos sentirmos maduros não contribui para afirmar definitivamente que não possamos conhecer, em certo tempo, uma nova juvenildade humana.

*

Trazer o inconsciente ao consciente é a grande experiência dos pró-

ximos decênios. A época das descobertas territoriais encerrou-se. Abriu-se, agora, a época das descobertas anímicas, subjectivas. O desenvolvimento da psicologia, que hoje assistimos, é um sintoma do grande cansaço do materialismo mecanista, que perdurou pelo século passado, e entrou agonizante neste século. E, precisamente, será no estudo das filosofias místicas, das práticas animistas, que encontraremos êsse campo.

*

O que é profundo oculta-se, frequentemente, sob uma máscara; dissolve-se por entre as trevas, mergulhado nas sombras. A mentira também veste a pele da pureza. E quantas vêzes não nos perturbamos em face da verdade que nos provoca doridas decepções.

*

Há na admiração da beleza também uma vontade de crer. .

*

Nós somos os espectadores de nós mesmos. O passado, as nossas fraquezas, os nossos recuos em certos momentos, nossos acovardamentos noutros, servem-nos, depois, de tema para as nossas longas análises pessoais. Quando fortes, quando pleróticos, nossas forças nos dão um conhecimento diferente do nosso tempo. E olhamos as nossas fraquezas como se elas se perdessem na distância, num pormenor longínquo, que ridicularizamos, como se estivesse para sempre separado de nós. E nisso há simplesmente um instinto de confiança de que nossa consciência participa sem maior análise...

*

O artista, que traduzisse em sua obra as meias-noites sombrias, os crepúsculos abigarrados, as luzes rosadas dos amanheceres e a serenidade morna dos meios dias, realizaria a si mesmo.

Essa seria a mais enérgica maneira de fidelidade.

Há uma certa felicidade quando se encontra aquilo que se não procura!

*

Há uma certa felicidade que é a de quem se detém a contemplar a felicidade, e não estira a mão para colhê-la!.

*

Se tu, nas trevas da noite, ocultas tuas ânsias, tuas esperanças, teus sonhos, tuas realidades desejadas; se tu, nas trevas das noites, guar-

das os perigos mortais, não creias
mais nas trevas da noite...

*

O "l'esprit" é freqüentemente uma
máscara da perversidade.

*

Quem encontra um fim em sua
vida nem sempre sabe encontrar
seus meios..

*

A curiosidade é uma polarização
dos instintos aguçados e activos. Há
até, no desejo de saber, limitações
ao próprio conhecimento. Há um
certo medo oculto.

*

O valor do sol, para muitos, está
na sombra. .

*

Todos aquêles, cujas idéias estão
em posição inferior a outras aceitas

pelo grande número e sob apoio público,
defendem a tolerância. É sempre
uma virtude para os fracos, e
uma fraqueza para os fortes.

A tolerância é ainda uma atitude.
Atitude dos que podem dizer um
sim e um não. Os agnósticos são
aparentemente tolerantes.

*

Teme os homens esculturais, porque
nêles há o limite.

A intemperança nem sempre é um
vício ou um defeito, porque nela há,
freqüentemente, uma luta contra
a paixão ordenada e, noutras, a exteriorização
de um caos que precede à criação.

*

O fatalismo é a atitude de negar
uma resposta às suas perguntas eter-

nas; o agnosticismo, uma impossibilidade de atingi-las.

*

Faze uma filosofia das filosofias. E trata-a, quando a estudares, não como um arqueologista, mas como um filósofo. Examina-a *sub specie philosophiae*.

*

Rebelam-se contra as regras os que não podem cumprí-las.

A virtude só é grande quando difícil.

*

Ainda nos falta buscar na Índia — mais uma vez devemos ir ao Oriente — os elementos necessários para enriquecer os nossos conhecimentos. Nós, no Ocidente, temos vivido uma vida demasiadamente artificial e mecânica.

O desenvolvimento mecânico-científico de nossa ciência não nos tem permitido que gozemos mais os elementos místicos, que nossa sensibilidade guardou por séculos. Agora que ameaçamos conquistar o Oriente com a nossa cultura mecânica, êste nos conquistará com a sua cultura subjectiva. Talvez se veja, num futuro não muito remoto, que substituamos o Oriente na sensibilidade, e êle nos substitua no cerebralismo.

*

Os homens freqüentemente se ocultam atrás de suas palavras.

*

Conhecer é aprender o instante; é tornar estático o fugidio.

E nisso está o grande perigo do conhecimento.

*

Superficialidade é uma questão de ponto de vista pessoal. Cada um tem a sua medida.

*

A dúvida não é também a consciência da luta interior dos contrários?

*

A pior das adesões são as incondicionais.

*

Há setenta anos um homem perguntou: "A ciência não nos levará à barbária?" Onde estamos nós, hoje, graças à ciência?

*

Buscar o porque de nossos defeitos e de nossas virtudes é além de uma justificação, uma espécie de penitência ao deus interior.

*

O determinismo na mão dos vulgares termina em fatalismo.

*

A fábula é um dos sete mantos com que a "verdade" veste a sua nudez para poder viver entre os homens.

*

— Creio embora seja absurdo.

— Creio por que não posso compreender.

— Creio por que devo crer.

— Creio, embora não compreenda.

— Creio porque preciso crer.

Cinco espécies de crentes. Cinco maneiras de crer. É conservado, somente, o credo, não as razões. Cada um pode ter suas razões para crer. E essas razões devem ser respeitadas. Só não as respeitam os violentadores da alma humana, os ingênuos "despertadores" de pretensos

sonhos, os liquidadores de narcóticos sociais que proporcionam o mais torpe dos narcóticos: o da felicidade na igualdade, a mais indigna mentira dos últimos tempos, e o maior ópio dos povos.

*

É preciso uma certa coragem para poder transformar-se, viver de novo, sentir prazer nas mutações. Há muitos que conservam as mesmas perspectivas porque temem mudá-las, porque se sentem fracos para novas adaptações.

*

Alegram-nos as dores passadas, como nos entristecem as alegrias perdidas. Mas há uma felicidade dolorida quando podemos chorar uma lágrima pelas lágrimas que já secaram.

*

“O sentimento de liberdade de um povo se mede pela reação dêsse mesmo povo na defesa da liberdade.”

*

— Ó! Ele era bom demais para sempre falar verdade. ”

*

O rouxinol possui a mais bela voz dos pássaros e é um solitário. Não busqueis o talento nos que se oferecem.

*

O otimismo de muitos homens de hoje é mentira; é um dos trocos da moeda falsa da felicidade.

*

É preciso que não esqueçamos que as grandes perguntas ainda exigem respostas.

*

A atitude é hoje uma orientação. A convicção de hoje chama-se atitude.

PROBLEMAS

— Sim, os homens, desde Platão, agitam êsses chamados problemas modernos. E mesmo antes de Platão. Naquela época, a cultura grega sofria já de decadência. Êsses problemas tinham naturalmente que tomar vulto...

— Quer dizer, que julgas que nunca os homens encontrarão uma solução?

— Não é bem isso. Os homens encontrarão sempre soluções para êsses problemas, como já as têm encontrado. O que jamais os abandonará é a eterna preocupação que êles provocam. As perguntas vol-

tarão, outra e outra vez, a serem novamente colocadas à sua frente, novamente exigentes e insaciáveis. Elas são modernas, porque humanas, e sempre existirão com o homem, exigindo sempre novas soluções.

*

O humor é um recurso que os instintos usam para burlar a razão..

*

Somos mais vigilantes com nossos olhos, nós, habitantes das cidades. Vivemos mais alertados pela consciência, que os homens simples dos campos. Nossa acuidade visual não teria determinado nosso cansaço para a luz que arde em nossos olhos?

Se conseguíssemos aguçar ainda mais os nossos sentidos não seria-

mos arrastados à nossa própria destruição?

*

A tragédia do pessimismo moderno chama-se civilização, o que, uma vez, já defini como uma roupagem da morte para viver entre os vivos.

*

Devorar seus próprios filhos é o destino das revoluções. — Eis um dos lugares comuns que aspiram a tornar-se lei universal.

*

As gotas ácidas da alma tombam, uma a uma, lentamente. É trabalho de anos que se soma ao trabalho de séculos. Um dia, iluminamos as estalattites do nosso subconsciente, e nos admiramos do brilho matizado e vivo de suas côres.

É chamamos a isso, depois, uma criação.

É também um símbolo.

*

É com gestos de gravidade que os homens elevam o pouco ao muito.

*

Usamos nossa força, nossa tenacidade, nossa dureza para dominar-mos, para encadearmo-nos. E nisso, nesse narcótico para os impulsos, somos demasiadamente bárbaros. Por isso, civilização também tem algo de barbária.

*

O gênio é um candidato da história, porque sempre preenche uma falta. Quando as fórmulas vivas de uma cultura conhecem sua agonia, o gênio irrompe.

A hora que atravessamos é de gestação. A humanidade, hoje, ressen-

te-se dêles, e, por isso, aparecerão.

*

Há homens cuja única grandeza é a sua sombra.

*

A aparência é o limite. Os que receiam os extremos procuram a "linha reta", e nem sempre os que buscam as lonjuras são os que clamam mais pelos extremos.

*

Uma vontade que atravessasse os tempos, como atravessou a daquêles faraós que construíram as pirâmides, daquelas orações góticas das catedrais da idade média; aquêles desejo de dispôr dos séculos, como os dos chineses ao construir a Grande Muralha, como o de Lesseps a imaginar o canal de Suez; é contrastante para a alma do homem cosmopolita. Ele prefere o provisório,

porque se limita nos seus anseios. Mas não sabe êle que o limite é uma prisão?

*

O homem é dirigido pelos "intermediários", os mercadores, os literatos, os "representantes"

*

Mas apesar de tôdas as limitações, o homem não pode negar o seu desejo de infinitude. Por isso quer abarcar com suas ideologias a totalidade.

*

Compreender a crença dos homens, até as mais inverossímeis, até as mais absurdas; interpretar as atitudes humanas em todos os tempos e em tôdas as épocas, as mais absurdas para o nosso esquema mental e lógico, é ter um olhar de boa vontade para com todos. E nisso, e tal-

vez só nisso, esteja a nossa verdadeira humanidade.

*

Cada era humana conheceu o seu "penchant"

São as convicções indiscutíveis. É uma verdade que se repete de bôca em bôca, e que ninguém se atreve a examinar. Pode haver, em alguns, uma trepidação duvidosa. Mas a voz geral anula, numa censura coercitiva, qualquer veleidade de dúvida que o subconsciente queira propor.

Estudar êsses "penchants" de idéias é um caminho para alguns filósofos modernos. Não haverá quem queira fazer isso?

*

Quem pratica o mal conscientemente o faz sob o império da satisfação de um prazer; quem pratica

o bem conscientemente o faz sob o império da satisfação de um prazer. Nisto êles são, portanto, iguais.

É por isso que alguém já disse que o gesto de piedade de um bruto comove mais. Acrescentaríamos ainda: é mais belo.

São êsses factos que renovarão a compreensão da moral. O desintereêsse, na prática dos actos bons ou maus, é um desejo humano dos moralistas, não uma realidade. O que deseja praticar o mal, mas pratica o bem pelo império de sua vontade, e o bom que pratica o bem desinteressadamente, apesar do império de seu desejo, seriam de uma categoria moral mais elevada.

Mas é preciso que reconheçamos que os homens nem sempre podem, embora o desejem, conhecer essa nobreza polida de sentimentos. É preciso julgar os homens "humanamente" O conhecimento dos efei-

tos maus ou bons de seus actos, dará ao homem a liberdade de uma escolha. Ele buscará pela sua educação e pela sua vontade, a prática dos actos que sejam bons.

Mas quem deixará de reconhecer a bondade de certos actos para uns, que se tornam maus para outros? É preciso buscar as compensações. Não se trata de reformar ou melhorar os homens. Trata-se de adaptar os instintos humanos à vida humana. A reforma desejada não é uma transmutação do homem, mas das obras do homem, e do conhecimento verdadeiro dos seus impulsos.

*

Um pensador, que se limitasse a pensar dentro dos caminhos indicados pela ciência, arriscar-se-ia a ser refutado mil vêzes. O pensador que se arriscou a pensar *fora* da ciência, pode conhecer a refutação, uma,

duas, três vêzes, mas pode conhecer, no tempo, o testemunho da ciência que o apoia.

É o caso, por exemplo, de Fontenelle. A ciência rejeitou-o um dia. Depois afirmou-o. Hoje rejeita-o, novamente. Amanhã afirmará. A moral disso tudo é que o pensador não se deve tanto guiar pelo que a ciência afirma. Deve ter a coragem de afrontá-la, afirmando o que sente. Não estamos no mundo sòmente para buscar *verdades* nem a verdade de nosso momento histórico. Se somos obrigados a pensar, pensemos. Se a “verdade” se solidariza conosco, muito melhor. Se não, marchemos sòzinhos. “ela” nos acompanhará.

*

O “espírito” do homem evolui... e continuará evoluindo. O homem é bem um estágio.

E isso já não faz mais parte sòmente de nossas esperanças, mas de nossas certezas.

*

A ordem cósmica. Se houvera “desordem cósmica” e nós a assistíssemos, saberíamos encontrar as leis do acaso, do imprevisto, do inesperado, da desordem.

E chamaríamos: ordem! E seria!

*

Sempre elogiamos as virtudes que faltam aos nossos inimigos.

*

Quatros dias ou quatro milhões de séculos, afinal, é a mesma coisa.

*

— Se rires, quando sòzinho, te julgarão um louco. Junto aos homens, é difícil rir senão quando to-

dos querem rir. Nem sempre os solitários são graves e contemplativos.

São os solitários os que melhor sabem rir. acredita!

*

Os que depois dos grandes choques com a realidade permanecem fiéis a si mesmos, e não se disvirtuam e não se artificializam, são homens, medidas para homens.

*

Cada um de nós conhece suas "revoluções cósmicas" Há erupções ancestrais que brotam em certos momentos, inesperadas, ex-abruptas. Se fôssemos melhor espectadores de nós mesmos, veríamos certos gestos e certas atitudes, que não são nossas, e que foram, talvez, "cacoêtes" de antepassados.

Temos em nós a nostalgia do caos que precedeu à criação "ordenada"

do mundo. Há uma saudade cósmica.

O homem é bem o passado do todo.

*

A maneira como um homem justifica seus defeitos, busca argumentos para compreender a razão de sua atitude, a colheita de porquês ponderáveis, que ponham à clara que a sua acção tinha motivos imperiosos, são uma demonstração robusta de quanto a julgou indevida, imprópria, injusta. Toda injustiça busca justificar-se. E as defesas mais árduas, mais excessivas, são precisamente as que procuram esconder os crimes ou faltas mais graves.

TALVEZ

— Um dia meus olhos cerrar-se-ão para as luzes matutinas, apagar-se-ão para os banhos suaves das massas de luz dourada do sol, adormecerão para os verdes matizados das vegetações que povoam a terra; os ouvidos, calados ao canto dos pássaros, surdos às palavras amorosas, aos murmúrios meigos que despertavam alvoroços incontidos, adormecerão para os rumores das distâncias, que despertavam desejos de buscas inesperadas; meus dedos já não acariciarão a pele fresca do teu corpo, nem mais o cerne rugoso das árvores, e adormecerão também

para as coisas do mundo, gelados, endurecidos. E quando todos os meus sentidos imergirem nesse sonho vazio, cerrados a tudo quanto lhes fica distante, uma última res-tea de consciência, uma última sensação de ser eu mesmo, ainda vibrará tenuemente dentro de mim. Depois será a noite que aniquilará os meus sentidos, que apagará a luz de mim mesmo. E o nada me cercará por todos os lados. Um nada imenso e silencioso. Um nada terrível em tôda a impossibilidade de seu conhecimento. Um nada que se não sente, que se não sabe, que se não mede. Um vazio infinito que retorna ao princípio e nega até a memória de haver sido. E depois? Nada? Nada ainda? Ó não, homens que viveis, ó não salteadores da fé, ó não, assassinos das esperanças! Deixai-me, ainda, ao menos essa luz pálida que me segreda uma dúvida, essa

luz pálida que me diz de mansinho: Talvez. talvez... talvez. .

*

E muitos exclamam:
— Incredulidade, incredulidade,
— meu supremo, meu voluptuoso consôlo!

*

Crê com teus nervos, crê com teus músculos, crê com teus instintos, que até a mentira da tua crença terá mais força que a maior das verdades que os homens acharem. . A única verdade vem do sangue, tem sabor de sangue. A verdadeira crença é dúvida também.

*

Não se cria nada para o futuro quando renegamos o passado. É preciso que incluamos no futuro uma

superação do passado, uma transfiguração.

*

A moderação conhece seus limites.

A moderação de um guerreiro, a moderação de um grande homem, a moderação de um gênio seriam excessos num homem vulgar.

*

Na Idade Média, os teólogos julgavam-se acima de tôdas as coisas. Hoje são os cientistas. Envaidecem-se com o nome da Ciência, essa nova deusa para substituir tôdas as divindades. Deusa rebelde, que busca vestir-se de objectividade para fazer acreditar aos homens que os deuses já morreram.

*

O sol novo que nasce nas madrugadas afirma sòmente que o sol exis-

te. A tua dor já doeu noutros peitos, e a tua alegria já brilhou noutros rostos. São dores ou alegrias novas? Não! Elas afirmam a dor e a alegria eternas. Mas, cada dia, há um novo sol, e cada alegria, e cada dor, é uma nova dor e é uma nova alegria.

*

A razão transige. Imaginai a vida fazendo transigências?

*

A água escorre das mãos. São segundos sòmente. Mas um raiozinho de sol irisado me vem ferir os olhos. E isso é tudo!

*

Assombroso o espetáculo de milhares de homens suspensos da vontade, das vísceras, dos desejos, dos impulsos, dos antagonismos, de um

só indivíduo. É o que a história registra, e talvez um dia seja incompreensível para os homens.

Perdoai o pessimismo do meu talvez.

*

Na hora da morte é o medo do que fica além, que nos impede de gritar: — Eu não vivi! Eu não vivi! Esperem, esperem, eu não vivi!

* *

— O contrário da realidade é a aparência, não é isso?

— Não! — Respondem muitos.

— Aparência é a realidade... É a única realidade.

*

Humilde seria o que rejeitasse até a celebridade. Como um político poderia acaso ser humilde?

Como um ator poderia acaso ser humilde? Não há funções em que

a humildade seria tudo, menos uma virtude? (Anotações para os limites da virtude.)

*

Um poeta, que nunca fôra capaz de fazer um bom verso, que nunca pudera escrever uma balada, fundou uma nova escola de poesia e uma técnica nova, de acôrdo com as suas possibilidades. Se estudássemos os fundadores de escolas literárias, não pelo que realizaram nessas escolas, mas sobretudo pelo que não puderam realizar do que pelo que realizaram? Não seríamos mais justos?

*

O valor das coisas está no valor da vitória. E o valor da vitória está no valor do inimigo. Essa concepção pode explicar melhor, em-

bora metafòricamente, a concepção do valor até na economia política.

*

Não estamos mais na época dos milagres porque não conhecemos mais o espanto. Até o impossível julgamos mesquinho. Eis um símbolo, também, de nossa época.

*

Que desperta em nós a música com suas estranhas e profundas melodias? Não nos arrasta muito além de nós mesmos, através dos mundos e dos espaços? Não nos fala de uma vida que possivelmente já falamos?

*

Onde está a tua grandeza se não duvidas?

*

Há uma arte que o artista descobre na natureza, mas há uma arte que o artista impõe à natureza. .

*

Também se pode definir os homens pelas suas impossibilidades.

*

Ainda é cedo, por que quereis me despertar? Mal raiou a madrugada. Deixai-me dormir, deixai-me sonhar com a imortalidade.

*

O nosso limite não está só nas coisas; está nos outros homens, na vaidade dos outros homens. .

*

Se os homens atingissem a uma organização social perfeita, já não seria mais necessária a poesia.

Levantariam os poetas louvores à nova organização, enquanto houvesse patente, ainda, no sangue e

nos olhos, as experiências das imperfeições passadas. Com o tempo, a arte perderia seu estímulo, porque a perfeição do ambiente satisfaria tôdas as ânsias e não permitiria mais o nascimento das insatisfações, fonte da arte, da ciência e da evolução humana. Dar-se-ia, aí, um fenômeno extraordinário. A perfeição atingida, passaria a fatigar. A perfeição transformar-se-ia em imperfeição. Tornar-se-ia cansativa, intolerável. As insatisfações renasceriam. Volveriam novas ânsias, novos desejos, novos planos de conquistas para o homem. A perfeição é como a verdade, bela quando inatingível, e morre quando cativa. Precisa liberdade e inatingibilidade para ser bela. Uma promessa de beleza, de verdade e de perfeição nos entusiasma, nos anima, porque esta também é admirável, enquanto promessa.

Que isso sirva para a compreensão da psicologia humana e possam organizar grandes regimes, regimes ideais, desde que permitam aos homens, a esperança de que conseguirão a felicidade, a beleza, a perfeição, a verdade. Basta-lhe a promessa para já os fazer felizes. .

*

Um homem modesto achou uma bolsa cheia de dinheiro. Quando a abriu, em casa, verificou que trazia uma soma avultada. Temeroso das conseqüências que lhe adviriam se o descobrissem, aceitou a possibilidade de que alguém tivesse sido testemunha do facto. Recordava-se que ninguém estava perto. A rua estava deserta. Mas poderia, talvez, atrás de alguma vidraça, alguém ter visto segurar a bolsa. A notícia da perda chegaria até o local, porque o dono, certamente, buscaria encontrar o

perdido, o que sempre fazem os que perdem.

Esse alguém o denunciaria como ladrão e, como era pobre, poder-lhe-ia custar caro e, talvez, perdesse a liberdade.

Sentiu um frio desmoralizador percorrer o corpo. Não se conteve e foi à polícia. Entregou a bolsa, onde não tocara numa moeda.

Os que souberam do facto tiveram comentários desencontrados. Uns elogiaram o gesto por honesto, outros riram, invejosos, por julgá-lo supinamente imbecil. Nenhum, porém, fêz um mau juízo do homem. . . Só o autor!

*

Se a cadeia do ritmo, da métrica e da rima é um quadrilátero para permitir ou salvar muita poesia medíocre, também a liberdade na poe-

sia dá ensanchas à liberdade do medíocre.

*

Quem pensa no autor? É êle ou são os seus pensamentos?

*

Grandeza também é fazer alguma coisa de grande, onde se julga que a técnica já esgotou tudo.

*

Os maus sabem quando convém parecer virtuosos.

*

O que nunca criou, orgulha-se às vezes de sua incapacidade.

*

Belzebú enganou-se quando anunciou à porta do inferno: “Deixai tôda a esperança ó vós que entraís!” A esperança também castiga.

A VELHA POLEMICA

Numa mesa de bar discutiam dois intelectuais. Dizia um dêles:

— Tanto o romance, como o teatro, e o cinema, devem reproduzir a realidade. Até a própria ópera já se tornou insuportável. Onde se viu alguém que sofre cantando?

Onde se viu um herói, um enamorado, empregar as frases pomposas de que o teatro está cheio. Nós somos uns viciados do artificial. Essa arte é um artifício intolerável. .

— Não penso assim, respondeu o outro. Realidade não é a arte, como esta não é apenas aquela. Reproduzir a realidade ao copiá-la, é

desmerecer realidade. A arte é uma superação e, portanto, deve emprestar à vida os elementos que a vida não tem. Se um enamorado vulgarmente pronuncia frases imbecis, devemos, por isso, transportá-las para a obra de arte e acreditar que estamos fazendo arte? Isso é plagiar a vida, não criar. A arte é criação.

Um terceiro que os ouvia arriscou dizer:

— Caros senhores estetas. Permitam que lhes dê a minha desvaliosa opinião? — E como os dois concordassem, disse lentamente:

— Os homens sempre se separam quando juntos: quando separados desejam aproximar-se. Cada um dos senhores tem um ponto de vista sobre a arte. Se cada um compreendesse que tem cada um um ponto de vista, não discutiriam a arte e sim o ponto de vista. A arte é um ideal, um conjunto que ambos idea-

lizam. Um vê pelo lado realista, objectivo, o outro pelo lado idealista ou subjectivo. Se juntassem os dois pontos de vista, poderiam dizer que sairia um terceiro: uma arte objectivo-subjectiva. Refletiria cenas com objectividade e cenas com subjectividade.

Mas isso ainda seria muito pouco. Há outra colocação: além da objectividade e da subjectividade. — E tomando ares pseudamente professorais, prosseguiu: — Ou seja: subjectividade objectiva e objectividade subjectiva superadas. Assim a subjectividade-objectividade já seria uma superação da subjectividade-objectividade, porque encerraria um primeiro plano subjectivo, sem negar a objectividade.

No segundo: objectividade-subjectiva seria um primeiro plano objectivo, sem negar a subjectividade, superando, assim, a objectividade-

subjectividade que seria, neste, como no outro caso, subjectividade-objectividade, a soma de duas parcelas iguais, quando, no meu caso, seria a soma de duas parcelas desiguais. Assim.

— Chega! — clamaram os dois estetas ao mesmo tempo — Chega!... Se continuar acabaremos afogados entre tanta objectividade e subjectividade objectivas e subjectivas, paralelas, e não sei que mais...

— Mas, caros estetas, realmente, era isso o que desejava: afogá-los dentro dos esquemas que inventais para vossa tortura e para tortura dos outros, nessa vossa mania incurável de querer quadricular as idéias, as orientações, os estilos, inutilmente, como se fazer arte fôsse negar a vida e negar o homem, quando êste tem tanto de objectividade como de subjectividade, e é

objectivo quando subjectivo, e subjectivo quando objectivo, em busca da objectividade do subjectivo, para compreender a subjectividade do objectivo, afim-de, ao fazer obra objectiva, não fugir ao subjectivo, mesmo quando faz obra subjectiva não fugir ao objectivo...

Os estetas não se contiveram mais e fugiram.

— Certamente. — continuou dizendo o que os interrompera, ao vê-los fugir — continuarão em outra parte discutindo a subjectividade e a objectividade.. Perdão, leitor amigo, não irei volver ao mesmo tema. Perdoai o ridículo disso tudo, mas há muita coisa, acredita, que só com o ridículo se pode destruir.

Essa polêmica, por exemplo, é uma delas.

*

Composto e impresso
na
EMPRESA GRÁFICA CARIOCA S. A.

à

Rua Brigadeiro Galvão, 225 235

em outubro de 1958

São Paulo

*